

Francisco Carvalho

CENTAUROS URBANOS

Poesia

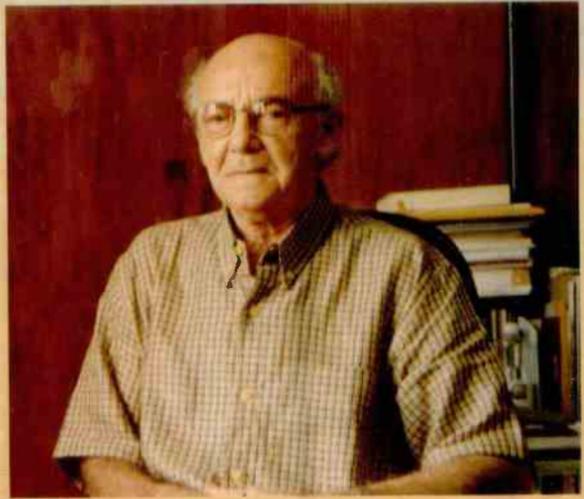


Francisco Carvalho nasceu em 1927, em São Bernardo das Russas, no Ceará. Aos 19 anos, passa a residir em Fortaleza, Capital do Estado. Em 1964, ingressou na Universidade Federal do Ceará, onde ocupa, ainda hoje, importantes funções de assessoria junto ao gabinete do Reitor. (...) Em 1982, recebeu o prêmio de poesia da Bienal Nestlé de Literatura, uma das mais importantes distinções conferidas a um poeta no Brasil. (...) Francisco Carvalho deixa transparecer a marca de suas raízes geográficas. A Natureza, pelas evocações, as imagens, ocupa grande espaço em sua obra poética. (...) Ele tem o dom, quase mágico, das imagens e da atmosfera poética, capaz de encontrar ressonância universal no espírito do leitor. O sentimento da morte predomina em grande parte de seus livros e, em contrapartida a esse modo de ser, a celebração de todos os aspectos da criação (a mulher, os elementos da Natureza, etc.). As metáforas belas e ousadas são características de sua arte poética; tais como: "os clarins do sol", "as vértebras do silêncio", "os espinhos do vento". De acordo com o poeta e crítico César Leal, trata-se, mediante o emprego competente de certo surrealismo, de "lançar trevas sobre o real para assegurar uma luminosidade mais forte no campo poético". Certos poemas de Francisco Carvalho são despojados ao extremo, graças ao emprego do verso curto e à utilização freqüente do substantivo. (...) Francisco Carvalho é, sem contestação, um dos poetas brasileiros mais expressivos do seu tempo, não apenas do ponto de vista nacional, como também universal.

Jean-Pierre Rousseau
Poesia do Nordeste do Brasil

Francisco Carvalho oferece ao banquete da inteligência "O Silêncio é Uma Figura Geométrica" (2002), sua mais recente publicação. Este novo livro reitera o humanismo, a contemporaneidade e a consciência social do poeta, já desvelada em "Girassóis de Barro" (1977), "Romance da Nuvem Pássaro" (1998), "A Concha e o Rumor" (2002), dentre outros. Marcando a literatura deste grande vate do Ceará e do Brasil. (...) As metáforas não se calam em "O Silêncio é Uma Figura Geométrica". O poeta as usa para definir o poema, o tempo, a palavra, Deus e a condição humana... As metáforas gritam na sua poética. Se elas se calarem, os versos e a sua riqueza vocabular gritarão. Francisco Carvalho é um "sacerdote da lira" em todas as suas compreensões, tanto quanto Charles Baudelaire. Estamos diante de um profeta do seu tempo, dotado de uma visão que alcança o futuro. E, por falar em profeta, a poesia do seu último livro anuncia a transitoriedade, confirmando a necessidade do sonho e a confiança na vida, que continua "jorrando das vertentes de Deus". (...) A poesia de Francisco Carvalho se apresenta com as vestes do soneto e da Ode, rendendo-se depois ao poder da síntese e aos versos brancos. Os gêneros literários se misturam no seu tecido poético alcançando a narrativa, gênero que se filia ao épico e à prosa. (...) "O Silêncio é Uma Figura Geométrica" é a nova poesia de Francisco Carvalho, que não teme os cânones nem os críticos, porque sabe se conduzir no reino das palavras.

Inocência de Melo Filho
Crítico literário



Homens e robôs manipulam algarismos
e fórmulas matemáticas
para um mundo devastado pela fome.

O átomo nos agride com estilhaços
cancerígenos. Ciclopes de enxofre e mercúrio
desenham perfis de esqueletos no céu.

As feras nos ameaçam com seus dentes amolados.
Não mandam flores de retórica
nem ramalhetes de labaredas atômicas.

CENTAUROS URBANOS

poesia

Do meu amigo Nil-
to Meirel, pela tie-
ra e pela poesia, as
bênçãos de

Imbui

17/12/2003

Francisco Carvalho

CENTAUROS URBANOS
poesia

Fortaleza
2003

© 2003 by Francisco Carvalho
Direitos reservados em língua portuguesa

Tipo San Serif 11,5/13,8

Projeto gráfico

Carlos Alberto Alexandre Dantas

Capa

Carlos Alberto A. Dantas

Revisão de textos

Francisco Carvalho

Ficha Catalográfica

Simony Maria Rodrigues

Foto do autor

Prof^a Maria da Graça Andrade Teixeira

Citações e provérbios latinos usadas pelo autor foram extraídas do livro "Não Perca o seu Latim", de autoria de Paulo Rónai.

C331c Carvalho, Francisco
Centauros urbanos – poesia. – Fortaleza: Imprece, 2003.

138 p.

1. Poesia. I. Título.

CDD: 869.91

Homenagem

À MEMÓRIA do Prof. ANTÔNIO MARTINS FILHO, que fez do trabalho a sua ideologia predileta, cultivou sonhos e os transformou em realidade. Venceu os antagonismos que se encontram na essência da natureza humana, forjou sua vida e seus atos com a têmpera dos fortes, dos que constroem o seu destino a golpes de martelo. Homem simples, desde cedo acostumado às lutas da sobrevivência e às vicissitudes do cotidiano, perfeitamente integrado na família e na sociedade, às quais serviu com a dignidade do seu trabalho e a grandeza irretocável do seu exemplo, o Prof. Martins Filho, semeador de idéias e de universidades, é uma figura épica da mesma estirpe desses "barões assinalados" que o gênio de Camões celebrou em versos imortais.

CENTAUROS URBANOS

Neste livro, que considero um dos melhores da trajetória poética de Francisco Carvalho, não-de encontrar seus leitores, nas duas vertentes que lhe nutrem a inspiração e o trabalho – quais sejam o lirismo e a problemática do ser – pascalino ou litúrgico, como vivente de uma esfera sujeita à morte e à decomposição – aquela pausa maior em que nada pode ser resolvido senão através da poesia. É nessa fronteira, também, que o filósofo E. M. Cioran descarboniza o pessimismo de seu famoso Breviário: “o universo não se discute, se exprime”.

A marca expressiva do Autor, festejada desde que se estreara nas “artes musicas”, continua, ao ver de alguns críticos, inalteradamente progressiva em cada uma de suas gloriosas etapas, não sendo estes *Centauros Urbanos* uma exceção à regra: ele é uma prova a mais de sua força verbal e do poder que lhe anima para atingir o núcleo metafórico dos mais límpidos diamantes da escrita.

Ao prosseguir nas minhas anotações, tendo em vista escrever alguns parágrafos sobre o livro, detive-me um pouco numa resposta de Lêdo Ivo, quando fora este solicitado a fazer uma seleção antológica de sua obra poética. Disparou, então, esse mestre das nossas desilusões na literatura, “que todos os poemas de sua autoria foram escritos simultaneamente”, e que ele não percebia neles “o emblema do passado ou o estigma do presente. Todos eram contemporâneos, habitavam o mesmo momento” (Vera Lúcia Oliveira, Revista da ABL, pág. 201, ano 2002).

Assim tem sido e assim contemplo, à distância, a impregnante e sugestiva poesia de Francisco Carvalho, *magnum opus* que está a merecer uma edição especialmente cuidada por editores qualificados, reunindo sua obra completa, sem prejuízo de que o poeta, ainda por longos anos, prossiga dividindo o seu tempo entre a burocracia da Uni-

versidade Federal do Ceará e a colheita umbrosa de Hafiz, ou das insônias de Van Gogh.

Mas qual o preceito, a diretriz do poeta?

Em nenhuma lógica se enquadra o poeta, em particular o poeta cujo original tenho aqui para honra da minha es-
crivaninha. Ele é ubíquo, introvertido, onilateral e onipresente; numa palavra, demiurgo. Nessas viagens, por acaso, ele vai ao encontro de Proust, Homero, Fernando Pessoa ou Rimbaud. Pode até ser barroco, no que tende a sentir, como no primeiro citado, as tenazes do "tempo perdido, a obsessão do tempo como evanescência, o apego inútil à sensualidade do instante, as horas que voam, o *vanitas vanitatum*, a vida sonhada mais que vivida, o ser e não ser entre dois agoras, entre há pouco e daqui a minutos"... (Augusto Meyer, Proust, Vida e Obra, Correio da Manhã, 19/11/96, Rio de Janeiro). Tais sentimentos se fundem e se estilizam por uma representação mais forte do objeto invocado, ou pelas ambigüidades, traços estes comuns na poética de Francisco Carvalho. Há outros ângulos, porém, um denso textuário, riquíssimo e vasto, ao dispor dos leitores.

Deste modo, quem tenha observado o "movimento" ou os "movimentos" na poesia desse veterano, há-de notar que ele sabe, tanto quanto os mais atentos exegetas ou filólogos, que a persistência dos hábitos adquiridos em séculos de cultura estratifica os conteúdos da palavra. Quando ele diz, por exemplo, "formigas elétricas", "papoulas de arame", ou repete a preposição "sem" como se fora "cem", numeral, dialetizando a ausência de algo com a possibilidade "real" do que pode ser visto e captado, isto revela, sobretudo, um domínio da experiência exaustiva sobre o léxico estático, de que se devem tomar por empréstimo um mínimo de peças para um máximo de jogo.

E, então, como se veste o poeta em sua nova performance?

Aqui são fios de lã, no recesso doméstico, em atrito com os “pneus no asfalto”. São galos “prenunciando genocídios”, onde as vidas íntimas se evaporam. É a noite “que chega dos pântanos / e solta sua matilha de dentes amolados”. São “torres que desabam”, “destroços do apocalipse”. “Uma aranha tece a teia / nos galhos ressequidos / de uma roseira morta”. Em “Reflexão Urbana”, “Homens e robôs manipulam algarismos / e fórmulas matemáticas / para um mundo devastado pela fome”.

Ao lado dessa temática atualíssima, contudo, ambientada agora nos centauros mecânicos, essas incríveis entidades alegóricas que se tomam de amor pelos oráculos da cibernética, não deixa o poeta de quedar-se, elegíaco, diante da bela da tarde, ou fechar-se na câmara do tempo circular, transmentalizando o inescrito de sua provisoriade acadêmica, oposta ao *sensu cosmicu*. Mas não será por isso, nem por aquilo, que o Esteves vai ficar sozinho ou que as águas do Tejo se possam deslembrar de Camões ou das serestas coimbrãs. Convém frisar, ainda, que Francisco Carvalho não abre mão, neste livro, nem da metalinguagem nem do metapoema, tudo conforme as acepções conferidas a este verbete pelo mestre Batista de Lima, ao discorrer sobre a poesia de Mário Quintana (Batista de Lima, Caderno Cultura, Diário do Nordeste, 23/02/03).

Livro denso, com muitos poros semânticos a recenderem visões apavorantes, por um lado, como na “Ode ao Episódio”, e, por outro lado, a nos chamarem a atenção para o João Pimenta, carregador de anjos, entre tantos outros achados raríssimos do mesmo cotidiano, a exemplo das “formigas elétricas”, dos “caninos podres das espigas”, do balir da flauta... Valeu, Poeta!

JORGE TUFIC
Poeta, ensaísta

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE **Vésper e as Vespas**

Dentes amolados•15 – Limite•16 – Acento circunflexo•17 – Vésper e as vespas•18 – Balada para Helena de Tróia•19 – Biografia da chuva•20 – Soneto binário•21 – Onde estou e não estou•22 – Estrada de Santiago•23 – Viagem no tempo•25 – Gotas de pães•26 – Fingimento•27 – Poema do tempo circular•28 – Das perdas•29 – Do homem e do rio•30 – Memória do Apocalipse•31 – Sensualidade potável•32 – Às Caladas da noite•33 – Ode ao episódio•34 – Gavetas limpas•35 – O Poema e sua natureza•36 – Éguas de feno•37 – Corpos e pêssegos•38 – Anatomia do nada•39 – Reflexões de uma sombra•40 – Alados lobos•41 – Amor plural•42 – Anzol•43 – Rio das éguas•44 – A Vida muda de nome•45 – Soneto da amada imortal•46 – Vento não tem pátria•47 – Décimo andar•48 – Centauros urbanos•49 – Memória estival•50 – Salmo por Almofala•51 – Muros caiados•52 – Adeus à metafísica•53 – Cadeira•54 – Torres de Babel•55 – Questão de gosto•56 – Canção para uma tecelã•57 – Nem isto nem aquilo•58 – Esboço de uma janela•59 – Bela da tarde•60 – Reflexão urbana•61 – Seresta para um certo Luís de Camões•62

SEGUNDA PARTE **Cantos Elementares**

Memorial do conselheiro•67 – Ouro dos touros•70 – Fazenda•71 – Nostalgia de Minas•72 – Onde não passa o rio•73 – Vogais do amor•74 – Mistério maior•75 – Canção da lagoa•76 – Teoria da Relatividade•77 – Gato no sofá•78 – A Lauda e o láudano•79 – Ode às primas•80 – Herói•81 – Todos somos cúmplices•82 – Adeus às pedras•83 – OVNIS•84 – Um Verso nos ama•85 – Recato•86 – Nós e as formigas•87 – Amigo do Esteves•88 –

Era setembro•89 – Redondilhas•90 – Noite alta•91 – Carregador de anjos•92 – Ludopoema•94 – Marcos do ser•96 – Desenho de uma cidade•97 – Fast food•98 – Vésper no trapézio•99 – Desde setembros vindouros•100 – Cimento & devaneio•101 – Rios: curso e percurso•103 – Premonição•104 – Minicanção para Emílio Moura•105 – Serenata pela alma do alferes•106 – Balada da casa dos contos•107 – Para uma teoria do absurdo•108 – Canção dos excluídos•109 – Obsceno rumor da guerra•110 – Cântico industrial•111

TERCEIRA PARTE

Argila Erótica

1 (*Te procuro nas ondas, na areia*)•117 – 2(*Tu és a orquídea desabrochada*)•117 – 3(*O amor é feito de materia volátil*)•118 – 4(*Te esperei na cancela da estrada*)•118 – 5(*Você é o lume da véspera*)•119 – 6(*Amar é estar acordado*)•119 – 7(*Sei que ela roça por mim*)•120 – 8(*Um dia percebemos que as amadas se evaporam*)•120 – 9(*Teu corpo é uma estrada de conchas*)•121 – 10(*O peso do amor*)•121 – 11(*Sou uma nau que veio dos mares*)•122 – 12(*Te amo na esquina da rua onde*)•122 – 13(*Ao falar do mar*)•123 – 14(*Penso: logo tua chama*)•123 – 15(*Te amo na ponte de um rio de signos*)•124 – 16(*Leu filósofos e seus tratados*)•124

O Que Disseram Sobre a Poesia de Francisco Carvalho•127

PRIMEIRA PARTE

Vésper e as Vespas

Para os ventos vindouros.

Guilherme de Almeida (Divisa de Brasília)

Até o bom Homero cochila às vezes.

Horácio (Arte Poética)

Um dia é empurrado pelo outro.

Horácio (Odes)

Diga-me, diga-me se algo foi terminado.

Leonardo da Vinci

DENTES AMOLADOS

Coágulos de sol derramam-se
nos telhados como um jorro de mel.

Vultos imprecisos chegam
de pórticos mergulhados na água.

Sussurros despetalam lírios
decepadados pelo vento.

Nas fontes dos jardins
pássaros semeiam o pólen do vôo.

Rãs e seus espantos verdes
mastigam vestígios do imponderável.

– A noite chega dos pântanos
e solta sua matilha de dentes amolados.

LIMITE

Chego ao limite da
encruzilhada em que o sonho
já não é mais sonho.
Uma comarca de espinhos
e veredas acaba onde começa
um jardim desmoronado.
A morte esteve aqui.
A máscara do assombro
ainda se move por
de trás do vento e dos espelhos.
A fala ainda repercute
nas paredes. Borboletas de
asas de chuva esperam
pelo milagre da ressurreição.
Chego ao limite das
minhas utopias: as potências
do corpo não são eternas.
A morte esteve aqui,
acorrentada à orla dos rios
da noite. Deusa de cinza,
a memória ainda pastoreia
esqueletos de palavras
e de folhas mortas.

ACENTO CIRCUNFLEXO

a cicatriz
é um golpe de adaga
no lenho da origem

um arco de seda
para a volúpia
tocar os seus violinos

uma fenda
aberta na carne
mais íntima da lenda

a cicatriz é um raio
de sol dourado
pela lascívia das abelhas

de longe ou de perto
a flecha no arco
do acento circunflexo.

VÉSPER E AS VESPAS

Vésper e as vespas
curvas e retas
na tarde límpida.

Vésper nas alturas
– vestígios de chamas
no cio das vespas.

Ao crepúsculo
as asas das vespas
que arderam nas vésperas.

No tempo das núpcias
as vespas exalam
aromas de chuva.

Às quintas e sextas
os dardos de Vésper
e a morte das vespas.

Vésper e as vespas
semeiam presságios
na tarde límpida.

BALADA PARA HELENA DE TRÓIA

De Tróia resta a cinza
misturada à de Helena
da flauta resta o canto
da ave resta a avena.

Da alba resta o orvalho
do orvalho resta a espuma
do Cavalo de Tróia
não resta coisa alguma.

De Helena resta o limo
onde floresce o antúrio
resta a fenda esculpida
na concha do molusco.

Do ventre resta a forma
do brasão de veludo
signos que se repetem
na memória de tudo.

Resta o emblema de sangue
dos caninos de Anúbis
restam tufos de relva
nos declives do púbis.

De Tróia resta a lenda
da flauta que era avena
resta a chama acordada
das volúpias de Helena.

De Helena resta o pássaro
a maciez da pluma
do Cavalo de Tróia
não resta coisa alguma.

BIOGRAFIA DA CHUVA

A chuva é uma noiva
com seu vestido de renda
bordado de vagalumes.

Semeia o ar de acalantos
vai contemplar as lavouras
de legumes e relâmpagos.

Vagueia pelos caminhos
para escutar os arrulhos
das núpcias dos passarinhos.

Planta flores nas estacas
transforma em leite a paisagem
na memória das vacas.

Vai ao celeiro de espigas
polir o ouro do milho
nas entranhas das formigas.

Deita-se a chuva na cama
e logo começa a arder
a relva de quem se ama.

A chuva é mais importante
do que todos os encantos
da Beatriz de Dante.

SONETO BINÁRIO

Para Ivan Junqueira

Os mortos passeiam com as suas lanternas azuis, à procura de rumos

para as utopias que não tiveram.
Na escuridão parecem vagalumes

acordados. Mas não passam de espantalhos
costurando a mortalha dos legumes.

Fiéis à sensualidade das noites
lembram-se das amadas com ciúmes.

Divertem-se relendo os epitáfios
gravados com cinzéis de finos gumes.

Nada suplicam aos vivos nem aos deuses
do mar, dos moluscos e dos cardumes.

De volta aos seus aposentos de limo
são generais do imperador dos hunos.

ONDE ESTOU E NÃO ESTOU

Onde estou e não estou
passam as águas do Tejo
em seu palpitante de vôo.
– E nessas águas me vejo.

Essas águas vêm de Espanha
e passam num lugarejo
entre a planície e a montanha.
– E nessas águas me vejo.

É dessas águas que a amada
ouve o som de um realejo
que se dissolve na tarde.
– E nessas águas me vejo.

Nessas águas cor de lua
singra a nau em que velejo,
pois a infância continua.
– E nessas águas me vejo.

Águas de um rio profundo
cuja foz é o meu desejo
de ser e de estar no mundo.
– E nessas águas me vejo.

O tempo é um rio de mágoas
jorrando do seu monólogo.
Sou filho espúrio das águas.
– E nessas águas me afogo.

ESTRADA DE SANTIAGO

Para Alberto da Costa e Silva

Às três horas da tarde
um namorado da liberdade
na estrada de Santiago.

O vento soprava forte.
– Galos mortos e adivinhos
na estrada de Santiago.

Expulsa das copas das árvores
a noite estende a sua pele
na estrada de Santiago.

As moças de Tarragona
semeiam papoulas de sangue
na estrada de Santiago.

Falavam de um anjo erótico
fulminado por um raio
na estrada de Santiago.

Vinha de Fuentevaqueros
à procura de Bernarda Alba
na estrada de Santiago.

Vinha dos confins de Espanha
no seu cavalo. Encantado
na estrada de Santiago.

Vinha dos moinhos de vento
dos castelos de um fidalgo
na estrada de Santiago.

Vem para as núpcias dos galos
para o noivado da morte
na estrada de Santiago.

Para afugentar os corvos
que se fartam de cadáveres
na estrada de Santiago.

O céu, retina de um lago,
contempla os touros que sangram
na estrada de Santiago.

Uivos de cães e projéteis
gritos de esbirros do sátrapa
na estrada de Santiago.

Noite de águas profundas.
– Um mártir sangra ao relento
na estrada de Santiago.

VIAGEM NO TEMPO

Percorro a casa. Os claros
espaços dos antepassados.

As vigas. Os caibros. As telhas.
As vértebras das teias

de aranha. Por aqui
as serpentes dos pântanos

deixaram fragmentos
de astúcia e morfina.

Vestígios de borboletas
mortas vivem nas gavetas.

Dos ponteiros do relógio
pingam as gotas das horas.

Por todos os cantos
da casa a memória sangra.

GOTAS DE PÃES

Vem vindo a chuva
tão de mansinho
como se tivesse
corpo de linho.

Pisa nos telhados
na relva, em tudo
como se seus passos
fossem de veludo.

Entra nas almas
ou pela porta
como se fosse
sombra da morte.

As gotas da chuva
são gotas de pães
feitas do acalanto
de todas as mães.

FINGIMENTO

Não adianta fingir
que o tempo não passou
com os seus pendões vacilantes
de cortejo fúnebre.

Fingir que o rosto não foge
ao sarcasmo dos espelhos.
Que os deuses não zombam
do sorriso trincado dos velhos.

Fingir que ainda restam
vestígios da antiga chama.
– Sob o desenho das rugas
só o silêncio nos ama.

POEMA DO TEMPO CIRCULAR

Não me sobra tempo
para pensar no tempo.
O tempo que me sobra,
migalhas do tempo eterno.

O tempo é meu trapézio
para saltar no tempo.
Mas o tempo me cobra
o que me resta do tempo.

Agora estou sem tempo
para fugir do tempo.
Há muito tempo escrevo
na pedra as vogais do tempo.

Descubro nesse entretempo
que ao tempo não se volta.
Somos expulsos do tempo
antes de chegado o tempo.

Deus, que me concede o tempo
para esquecer o tempo,
faz e refaz a malha
de sangue do nosso tempo.

Estou vidrado no tempo
sem tempo para pensar
no que será de mim
depois de passado o tempo.

DAS PERDAS

Perdi bonde e namorada
perdi o encontro marcado
com uma noiva hipotética.

Perdi plumas de Arlequim
e os versos do madrigal
para uma noiva hipotética.

Perdi a infância na véspera
perdi a herança na víspera
para uma noiva hipotética.

Perdi a hora do embarque
conchas e cartas eróticas
de alguma noiva hipotética.

Perdi a rosa de linho
púrpura e as fotografias
da namorada hipotética.

Perdi o bonde das oito.
Joguei meus sonhos no lixo
meus dilemas sobre estética.

Voltei bêbado para casa.
Para as flechas de veludo
de alguma noiva hipotética.

DO HOMEM E DO RIO

O rio é aquilo que passa:
– metáfora do eterno efêmero.

A sombra do homem e a sombra
do rio deságuam na foz?

O líquido esqueleto do rio
embutido nas retinas do homem.

O rio percorre cem léguas
mas sempre regressa à orla.

Às vezes o rio traz de volta
a memória dos afogados.

O rio é o homem que semeia
palavras e espigas na paisagem.

O tempo, rapsódia de limo,
vento e areia, é o rio do homem.

MEMÓRIA DO APOCALIPSE

O som de um realejo se dissolve na espuma da tarde
gatos famélicos passeiam nos muros dos quintais
um bêbado rodopia nas pernas bambas
automóveis de luxo semeiam estridências metálicas
e claridades surrealistas nas avenidas.

Crianças cor de ocre disputam migalhas de colostro
perfuratrizes golpeiam as entranhas do asfalto
puérperas de mamilos de loba vagueiam pelas ruas
testemunhas de Jeová falam histericamente
de um paraíso sem anjos e mulheres.

Uma revoada de andorinhas destrói a Torre de Pisa
um navio apita solenemente pelos soldados
mortos na guerra do Peloponeso
peixes cor-de-rosa discutem eutanásia com facas amoladas
vendedores de anzol trapaceiam ampolas de morfina.

Gueixas fumam cigarros de ópio nas esquinas das catedrais
fantasmas barrocos despencam de torres góticas
computadores de última geração alardeiam
o suposto suicídio de Osama Bin Laden.

Cães treinados para castrar adolescentes investem
contra os mamilos de esfinges de pedra
que se entregam à volúpia dos faunos, num campo
onde outrora deceparam tulipas vermelhas.

SENSUALIDADE POTÁVEL

Comprei um pote de curvas sensuais
com todas as taras de Eros.

Tem ondulações de corpo de mulher.

– Um pote do sexo feminino, dança valsas
e boleros ao som das trompas de Falópio.

Um pote com pernas, coxas, nádegas
e outros relevos anatômicos.

Um pote de cintura fina, cheio de ardências
e volúpias. Mistérios por dentro
sem nada de metafísica.

Um pote com seios de terracota
um pote de evidentes inclinações eróticas.
Contemporâneo do fogo e do frio
esse pote é um centauro que atravessa
a eternidade num galopar sombrio.

ÀS CALADAS DA NOITE

Às caladas da noite
chove ácido enquanto dormes.

Seres minúsculos sangram
tuas veias. Às caladas da noite.

Corujas sacodem o pólen
de ouro das mortalhas de seda.

Gatos se agridem a unhas e dentes:
os brutos também desamam.

Às caladas da noite
num túnel de volta à caverna.

Mísseis jogam ramalhetes
de claridades atômicas.

Robôs decidem a hora de nossa morte.
Às caladas da noite.

ODE AO EPISÓDIO

A tarde chega e já começa a arder o seu lenho.
O vento já se recolheu ao seu santuário de folhas mortas.
Alimárias ruminam a poeira das estradas
ovelhas paridas dão de mamar às crias das tempestades
e dos relâmpagos.
O tempo é esse novelo de espumas que se desfaz
em nossas mãos. Concha
vazia onde ressoa a senilidade dos deuses.

Aqui nos achamos numa encruzilhada de rumos.
Não há saída possível senão que a porta
das águas profundas.
O homem, deus dos moluscos, constrói
cidadelas para se proteger das flechas dos sentidos.
Das ciladas e esquivações do amor.

Estamos à deriva das marés e de suas orquídeas salinas.
A vida não passa de um capricho dos áugures.
Ninguém dispõe de tempo para os ritos do êxtase.
O amor, rosa dos pântanos, evapora antes que anoiteça.
Ninguém se equilibra nos trapézios da vertigem.
Homens e folhas despençam do caule.
– Tudo se reduz a estilhaços sob a respiração
das medusas e dos ciclopes.

GAVETAS LIMPAS

Prazer sádico de rasgar
papéis guardados no fundo das gavetas.
Rasgá-los com ímpeto de fúria
como se rasga uma sentença de morte.

Limpar as gavetas
é como expurgar os remorsos da alma.
Como apagar da memória
os vestígios do primeiro pecado.

Limpar as gavetas é uma forma de volúpia.
– É como limpar a casa
para receber a visita da amada.

É como soldar pedaços de um mito
ou de um jarro partido.
Limpar as gavetas é como acender uma lâmpada.

O POEMA E SUA NATUREZA

O poema é alvorada de episódios.
Alazão dos prados de satã
pasta as volúpias da mulher amada.

O poema é a vertigem da sintaxe
larva da voz, casulo da metáfora
a lâmina engolida pelo mágico.

O poema é gleba da lascívia
a forma do ser que se dispersa
o láudano derramado sobre a lauda.

O poema é o chicote do ciclope
a memória do abutre esparramada
no esqueleto das noites de tempestade.

O poema é a asa do cântaro
o poema é o pássaro sem a âncora
o poema é a rosa do pântano.

ÉGUAS DE FENO

Para Jorge Tufic

Quem já não viu o espectro que incendei
éguas de feno em tardes de castanha?
– Isso é o amor (comenta-se na aldeia
que os deuses inventaram essa artimanha).
Nas visões esculpidas pela areia
ou nas ruivas paragens da Alemanha,
o mito exhibe as pompas de uma ceia
que dos vinhos mais rubros se acompanha.
O amor é igual à trama de uma teia
e nessa malha o incauto se emaranha.
O alazão das espumas devaneia
e vai pastar orgasmos na montanha.
Nas províncias do mar canta a sereia,
que nos seduz com seus ardis de aranha.

CORPOS E PÊSSEGOS

Corpos amadurecem
como se fossem pêssegos.

Ninguém morre por acaso
ou esmagado pela fúria dos deuses.

Formigas e galáxias estão acorrentadas
à implacável lógica do tempo.

Coisas são parábolas que se bifurcam
numa estrada que não termina.

Baixar as pálpebras é apenas
uma questão de rotina.

ANATOMIA DO NADA

O nada é branco, suave, agudo?
começo ou fim de tudo?
o nada é alfa ou ômega?
punhal amolado ou faca cega?
o nada é macio ou áspero?
incolor ou escuro?
de que se faz o nada?
de que se urde a sua teia?
dos fios do novelo do absurdo?
que coisa é o nada?
o nada é coisa sem pluma?
tudo que se desintegra
no vazio? ou a cisma
do cisne que nada no rio?
o nada flui do nada
ou jorra do avesso de tudo?
o nada é matéria ao
quadrado da velocidade
da luz? energia que congrega
os fragmentos do cosmos?
pólen do salto do puma
o nada é eterno ou
não passa de coisa alguma?

REFLEXÕES DE UMA SOMBRA

Não esperes nada da vida, muito menos do amor.
Sê, quanto possível, cético e pragmático.
Acende a candeia para afugentar
os desvarios da alma.
Se o cachorro ladra à passagem de tua sombra
muda de caminho ou de filosofia.

Cumprimenta, de longe, os teus vizinhos
mas não perguntes pelas amantes
que tiveram nem pelas garrafas de vinho.
Fiéis à sensualidade das adegas.

Não esperes nada da vida
nem verdades imutáveis nem certezas cabalísticas
nem o mel das colméias e dos episódios
nem os caninos podres das espigas.

ALADOS LOBOS

Orelhas de feltro
suspensas das árvores
escutam o silêncio.

Captam as ondas do éter
os sons da matéria
e dos aromas do sangue.

Seus olhos de átomo
trespassam as idades
da noite e dos mamutes.

Alados lobos
os morcegos devoram
o esqueleto das catedrais.

AMOR PLURAL

Amor é o que começa e já termina,
a chama que se apaga e volta a arder.
O jorro da vertente cristalina
onde os cisnes da amada vão beber.

Amor é ir quando se está de volta,
é semear no instante de colher.
A vela que se abraça à onda revolta,
alonga o dia e encurta o anoitecer.

Amor é o que se dá mas não se entrega.
O que agora sussurra, ora se cala,
o que a voz não se cansa de dizer.

Amor é luz que se mistura à treva.
Aturdimento que envenena a fala.
Sentir que dá vontade de morrer.

ANZOL

Jogo o meu anzol
nas ondas mansas da tarde.
O peixe e o sonho me escapam

pelas malhas escorregadias
da memória. Inútil
fisgar a palavra entre conchas

e seixos. De real apenas
a matilha dos sentidos, o desenho
barroco das nuvens eróticas.

Tudo na vida é uma pesca de utopias.
– O que se perde na busca
já é coisa morta.

RIO DAS ÉGUAS

Recendendo a cio e capim
as éguas vêm das colinas de Homero.

Vêm da encruzilhada das léguas
das marcas de sangue impressas na lenda.

Vêm das pastagens amarelas de Van Gogh
encravadas nas fendas das encostas.

Vêm das carruagens de fogo do tetrarca
das tumbas de linho dos faraós.

Vêm dos terraços das ameias onde os mouros
golpeiam as tardes com suas adagas.

Vêm das madrugadas raiadas
antigamente na memória dos galos.

Vêm das planícies áridas, das montanhas,
dos pátios, das patas dos cavalos.

Vêm da infância soterrada dos potros
– beber água do rio.

A VIDA MUDA DE NOME

A morte não é uma
solução para todos os problemas.

A morte é um problema
sem solução.

A morte é o elo que se
desprende da grande cadeia.

– A morte é a vida que muda de nome.

II

A vida é generosamente breve.

Se assim não fosse
ninguém a suportaria.

A vida se nutre
de muitos pretextos
e muitas razões.

Tecelã da eternidade
a morte só precisa
das frias teias da ausência.

SONETO DA AMADA IMORTAL

Minha amada é uma invenção do puma
A relva no declive da ladeira
A concha azul trazida pela espuma.
– Íntegra como a chama na lareira.

Minha amada é uma estrela das antigas
Asas de abril nas folhas da palmeira
O orvalho que amanhece nas espigas.
– Íntegra como a chama na lareira.

Minha amada é canção de pastoreio.
Inverno que perfuma a madrugada
Rosa e metamorfose a vida inteira.

Da foz do Douro minha amada veio
com doce olhar de pomba enamorada.
– Íntegra como a chama na lareira.

VENTO NÃO TEM PÁTRIA

Vento não tem pátria
nasce em qualquer lugar
nas imediações do mar ou do céu
nas dobras da água ou nas esquinas
dos bordéis e dos relâmpagos.

Vento não tem pátria
é um espírito que sopra onde quer
uma bússola de cristal que
descreve as curvas e retas do amor
nos mapas da nudez.

Vento é da estirpe dos grandes pássaros
que anunciaram a aurora paleozóica.
Vento não tem árvore genealógica
não tem idade nem certidão de nascimento.
Vento é um afluente da noite.

Chega de Marte, de qualquer parte
entra sem pedir licença
balança a cauda de cachorro sem dono
desfaz os ramalhetes das noivas
apaga as velas da catedral.

Venha do arquipélago ou da parábola
– vento não tem pátria.

DÉCIMO ANDAR

Do décimo andar do apartamento
vejo o mar, asfalto verde.
Esses navios políglotas
são baleias dançarinas.

Motos, carros, bicicletas,
dardos e orquídeas da síntese.
À luz das tardes de mercúrio
somos íntimos dos átomos.

Pendões de um cortejo fúnebre
com trejeitos de Arlequim.
Como se um morto não fosse
um brinde às náuseas da plebe.

Gestos e esperas circulam
pelas artérias da avenida.
Esse afluente de agonias
percorre as orlas da noite.

No apartamento vazio
os olhos das fotografias
me acordam reminiscências
da infância sem metafísica.

CENTAUROS URBANOS

Somos centauros urbanos
à procura de um cadáver.
Entre as ossadas dos astros
brilha o esqueleto de Vésper.

Desenhamos nossas lápides
com a ponta de um canivete.
Somos filhos da lascívia
e das matilhas do incesto.

Somos centauros urbanos
(um deus se hospeda no urso).
O cavalo ainda galopa
nos automóveis de luxo.

Em cubos de insônia e pedra
passamos dias e noites
esperando pela vinda
da esfinge de sete foices.

Somos centauros urbanos
mordidos pela volúpia.
– E ardemos no purgatório
da nossa paixão inútil.

MEMÓRIA ESTIVAL

Para Antônio Carlos Osório

Descamba o sol do seu trapézio de ouro
sobre a nudez dos campos encardidos.

No esqueleto das casas e das árvores
vozes remotas, ventos esquecidos.

Rumor de chuva ancora nos telhados
mas não passou de um sonho repentino.

A candeia no alpendre afasta o agouro
das corujas. O repicar de um sino

escreve nos ouvidos uma lenda
que fala de centauros e centúrias.

Vem de Agrigento a sombra de uma lésbica
dançarina de todas as luxúrias.

Réstias de Homero num chapéu de couro.
Descamba o sol do seu trapézio de ouro.

SALMO POR ALMOFALA

Os ventos começaram a soprar das bandas do mar.
Às primeiras horas de uma noite de espantos
e augúrios. Os ventos começaram
a soprar das bandas do mar.

Nuvens de poeira atômica desenharam cogumelos
no céu. Os ventos esculpiram pirâmides
de areia sobre as casas da aldeia de Almofala.
E continuaram a soprar das bandas do mar.

Esculturas brancas rondam silenciosamente a aldeia
fecham as portas das casas, engolem a igreja
e seus campanários de bronze e alvenaria.
Longos anos permaneceram soterrados sob densa
e ondulada mortalha de partículas de cristal.

Em noites de espantos e augúrios
os ventos continuaram a soprar das bandas do mar.

MUROS CAIADOS

Neste domingo de muros caiados
e de tijolos vermelhos
eu me recordo de um menino
seduzido pelos olhos negros de um poço
sem água e sem memória.

Neste domingo de asas e fronteiras abertas
escuto o balir do vento nas portas
da casa, o ranger monótono
das moendas no engenho enferrujado.
Vozes e passos de sombras na sala deserta.

Sei que o tempo e o menino ficaram para trás
no som de uma voz ou no sussurro
das águas de uma fonte.

Sei que a minha sombra continua fugindo de mim
neste domingo de muros caiados
e de tijolos vermelhos.

ADEUS À METAFÍSICA

Para Hildeberto Barbosa Filho

Para que estudar metafísica
se a metafísica não compra as coisas vitais
ao metabolismo do corpo e da alma?

A metafísica é uma estrada onde antigamente
passou um rio: não leva a parte alguma.
Esbarra nos paradoxos da metafísica.

O proprietário do açougue da esquina
não trocaria uma faca amolada
pelas vísceras douradas da metafísica.

Os boêmios, os caçadores de estrelas
e galáxias, não trocariam um copo
de aguardente pela mais sedutora metafísica.

A metafísica do corpo (esta que engendra
as múltiplas metamorfoses do amor)
é a mais sábia de todas as metafísicas.

CADEIRA

A cadeira de Van Gogh
lembra a carcaça de um antílope
devorado pelos abutres.

Parece flutuar no espaço
da solidão, arrebatada
por uma revoada de ausências.

Firme na sua fragilidade sólida,
o universo inteiro desaba
na cadeira de Van Gogh.

II

Cadeira feita de pinho
de mogno ou de cedro do Líbano.
Cadeira para sempre vazia,

és o fragmento de um meteoro.
Um jorro de vinho que
se bebe num copo de absinto.

Um pássaro que veio do inferno
construir o seu ninho
no coração de Van Gogh.

TORRES DE BABEL

As torres desabaram
só restaram os destroços do apocalipse
o esqueleto dos minutos
e das vidraças, das vigas de aço
o cogumelo negro
e sua cúpula de catedral gótica.

Nada restou das tatuagens
nas ancas das secretárias eletrônicas.
Os peixes sumiram dos aquários
os pássaros fugiram das gaiolas de ouro
atravessaram o firmamento de poeira
numa revoadada de dólares.

QUESTÃO DE GOSTO

Ao poema-processo
prefiro o poema possesso:
aquele que rumina cada palavra
a polpa de cada metáfora
que apalpa o corpo da realidade
como se a realidade fosse uma prostituta.

O poema que vai ao encontro
de todas as volúpias que a vida oferece
e as reparte com a distinta platéia.
O poema em carne e osso
cicatrices e fraturas expostas
maltrapilho ou vestido a caráter
a exhibir seu canino de ouro
encravado nas arcadas de dentes podres.

CANÇÃO PARA UMA TECELÃ

Numa manhã de sol
uma aranha tece a teia
nos galhos ressequidos
de uma roseira morta.

Enquanto tece a trama
não se importa com o vento
que subitamente desfaz
essa catedral de orvalho.

Com seus fios de cristal
essa dançarina tísica
tece mortalhas de linho
sem soldo e sem metafísica.

Se por acaso a chuva
rompe algum fio de seda
ela o refaz com a matéria
de que se engendra a beleza.

A nossa vida é um pouco
da malha dessa trama
que os deuses vão tecendo
no peito de quem ama.

NEM ISTO NEM AQUILO...

Nem grinaldas de rosas nem de urtigas
nem o riso mordaz dos epitáfios
nem os caninos podres das espigas.

Nem os cavalos negros dos aurigas
nem a mudez dos mármore calados
nem os caninos podres das espigas.

Nem o espanto pousado nas cornijas
nem as flechas da insônia nem o láudano
nem os caninos podres das espigas.

Nem o esplendor das lápides antigas
nem o pastor nem o balir da flauta
nem os caninos podres das espigas.

Nem o gume amolado das intrigas
nem o homem com estigma de vassalo
nem os caninos podres das espigas.

ESBOÇO DE UMA JANELA

Não era uma janela igual a tantas outras
não era de cedro nem de jacarandá.
Era um ímpeto de vôo na reminiscência do pássaro
uma fresta na memória da parede
um golpe no abdômen
uma fenda na encruzilhada do corpo
uma cilada cósmica.

Era uma janela sem eira nem beira
com traves de pau d'arco e ferrolhos de bronze.
Oblíqua como a Torre de Pisa
imune ao vento e à chuva
às fanfarras da noite e dos relâmpagos.
Uma janela aos pedaços.
Íntegra como a chama na lareira.

Uma janela guardada pelos gnomos
e os uivos das matilhas.
Uma janela esculpida no papiro da lua.
Os mortos que passam pela janela
não voltam nunca mais.

BELA DA TARDE

Moça de olhar oblíquo
semeia enigmas na tarde.
Conchas de espuma e salitre,
as orquídeas do seu corpo.

Sob as pregas do vestido
ardem teias de veludo.
Tramas urdidadas com sangue
pela aranha da volúpia.

Ela me fita de longe
por trás da névoa do mito.
Logo se junta ao rebanho
que pasta as relvas do êxtase.

Ouçõ os passos na alameda
deslizando pela sombra
macia. Musa de pássaros,
me ensina as sendas do cio.

Me ensina o jorro do ritmo
que lhe incendeia as artérias.
Ritmo do corpo e da alma,
dos adágios, das esferas.

Ela me fita de longe
com o seu olho de argila.
Olho esculpido no centro da
pérola mais escondida.

REFLEXÃO URBANA

Torres de areia e aço perfuram
o esmalte do céu.

Homens e robôs manipulam algorismos
e fórmulas matemáticas
para um mundo devastado pela fome.

Primaveras chegam e desaparecem
tempestades mudam rotas e ritos dos navios
a África nos acena de longe
com os seus olhos vazios de esperança
e as mãos famintas de arroz.

Um troglodita nos ameaça com
suas bombas fétidas e suas palavras
envenenadas pela semântica da pólvora.

O átomo nos agride com estilhaços
cancerígenos. Ciclopes de enxofre e mercúrio
desenham perfis de esqueletos no céu.

As feras nos ameaçam com seus dentes amolados.
Não mandam flores de retórica
nem ramalhetes de labaredas atômicas.

SERESTA PARA UM CERTO LUÍS DE CAMÕES

Para Carlos d'Alge

Talvez nascido em Lisboa
talvez nascido em Coimbra,
certo Luís de Camões
grava na lenda o seu timbre.

Amores teve às dezenas
entre as fidalgas do Paço.
Pelo verso as seduzia
e pela astúcia do braço.

Navega em mares de fúria
vaga por terras distantes...
Por Índias que seduziam
as velas dos navegantes.

Quatro vezes desterrado
por inveja ou por revide.
Amor, então, se chamava
Catarina de Ataíde.

Foi soldado da coroa
fidalgo da Monarquia.
Onde passou, teve amantes
se a fortuna o consentia.

Passos e paços do rei
desdenham da inglória fama
desse bardo, cuja espada
às vezes sangue derrama.

Pelas damas cortejado
logo desperta ciúmes
nos fidalgos que o cercavam
com sarcasmos e azedumes.

Não escapa da vingança
da malta palaciana.
Sabe o espadachim dos deuses
quanto pode a inveja humana.

Ama as mulheres e os vinhos
o Mondego e os outros rios.
Nas tabernas de Lisboa
afoga os seus desvarios.

Escreve versos ardentes
para amantes prediletas.
Entre uma rixa e outra rixa
é o mais sábio dos poetas.

Flechado pelo destino
prova os desígnios do céu.
Numa emboscada de mouros
em Ceuta um olho perdeu.

Perde um olho mas não perde
seu fascínio pelas Musas.
Tanto seduz as fidalgas
quanto as raparigas lusas.

Perde um olho mas não perde
os impulsos de andarilho.
O braço que empunha a espada
maneira as odes com brilho.

Perde um olho mas não perde
o vício de ser andejo.
Faz madrigais para as Tágides
namora as ninfas do Tejo.

Sôbolas águas do Douro
sôbolos remos e as rimas
sôbolos ombros do náufrago
do prodígio te aproximam.

Por mares não navegados
desfraldavas sobre as ondas
as velas das caravelas.

Teu canto roça as alturas
com força e beleza tal
que os barões assinalados
o escutam de Portugal.

Poder algum teve a morte
sobre os mitos prediletos.
Nas esquinas do Rossio
varinas pescam sonetos.

Teus passos ainda ressoam
nas tascas da Mouraria.
Nos calabouços do Tronco
a noite acorrenta o dia.

Nas estrofes dos Lusíadas
lateja o sangue da raça.
O mito preserva o mito
do tempo que nos trespassa.

SEGUNDA PARTE

Cantos Elementares

Deus compraz-se com os números ímpares.
Virgílio (Écloga VIII)

Longe de Júpiter, longe do raio.
Provérbio latino

Para Mailma de Sousa:
leituras
expectativas
revelações
ansiedades
e descobertas.

MEMORIAL DO CONSELHEIRO

Para César Leal

Antes de mim, Canudos
era um risco cinzento
no mapa. Uma história
de solidão e vento.

Eram pedras, lajedos,
os horizontes largos...
Era a Várzea da Ema,
o verde hostil dos cactos.

A serpente e a raposa
à espreita nas escarpas.
Junto ao Vaza-Barris,
o escárnio das ossadas.

Antes de mim, Canudos
era o torpor das brenhas.
Uma história de intrigas,
de solidão e vento.

Andei duzentas léguas
pelos sertões mais ásperos.
Senti no corpo o látigo
da luz que sai dos ermos.

A insone romaria
do povo que me segue,
sabe que o paraíso
começa pelo inferno.

Sombra de João Grande,
sombra de João Abade.
Sombra de Beatinho,
sombra de Vila Nova.

Sombras que me seguiram
com passos de veludo.
– Eram as quatro portas
da aldeia de Canudos.

Heróis sem monumentos,
sem cavalos de mármore.
Venceram quatro guerras,
o clima e o desamparo.

Bronzes da igreja velha,
sinos da igreja nova.
Dobrai por esses bravos
desde o raiar da aurora.

Uma cidade erguemos
no coração da rocha.
A luz, aqui, golpeia
com volúpias de cobra.

Caravana de sombras,
vencemos a República.
– Canhões se derreteram,
trastes de argila inútil.

Pelos confins a dentro,
foi Cristo o nosso guia
nessa história de sangue,
de solidão e vento.

A morte nos rondava
com seu fedor de hiena.
Das paredes da aldeia
a esfinge nos acena.

Ouço o tropel das balas
que vêm do Monte Santo.
– Balas que em nosso corpo
plantam hóstias de sangue.

Nestes rincões de fogo
sem pasto para as vacas,
cabeças decepadas
pendentes das estacas.

Essas tristes relíquias
de estúpida chacina
expostas ao sarcasmo
das aves de rapina.

Desabaram as torres
da nossa catedral.
Canudos ainda espreita
com seus olhos de cal.

A epopéia de Euclides
da Cunha, seus estudos,
narram glória e agonia
do arraial de Canudos.

A guerra continua
nas entranhas do tempo.
– Uma história de sangue,
de solidão e vento.

OURO DOS TOUROS

Para Virgílio Maia

Ouro dos couros dos touros
nos alpendres da fazenda.
Ouro raiado de sangue, dilacerado pelos
gumes das facas amoladas.
Ouro nos divãs de couro macio
onde a volúpia se deita para sonhar.

Ouro dos couros dos touros
lapidados pela química dos curtumes.
Ouro cravejado de metáforas
de figuras de profetas e demiurgos
de perfis de Lampião e do Padre Cícero.

Ouro dos couros dos touros
com os labirintos das espirais das serpentes.
Ouro esculpido nas curvas mais íntimas
das noivas. Ouro guardado nas arcas
de cedro ou de imburana.
Ouro que exala odor de lascívia e alfazema
em noites de chuva e pecados imortais.

Ouro de dezoito quilates.
Ouro da mina a que se vai por veredas
de sangue. Ouro roubado de meus antepassados.
Ouro de meus avós. Rogai por nós.

FAZENDA

Para Eduardo Campos

Uma fazenda não é a soma dos hectares.
Não são as duzentas léguas
douradas da paisagem.

Não é o cheiro de relva do mugido
das novilhas. Nem os rúmens que semeiam
presságios de leite e mel.

Tampouco é a volúpia dos cavalos
que voam sobre as éguas nem
o cântico da lascívia dos espelhos.

Não são as vacas paridas nem as crias
reluzentes nem o pasto aveludado
pelo cetim das placentas.

Não é a lã dos rebanhos nem as papoulas
das cercas nem o balir dos chocalhos
nem seus vetustos flautins.

Uma fazenda não é o horizonte sem limite.
– Uma fazenda é o que se guarda
do naufrágio do mito.

NOSTALGIA DE MINAS

Para João Carlos Taveira

Se eu morasse em Divinópolis
terra dos prados de Adélia
talvez fosse um ornitólogo
pastor de ausências e abelhas
conversava com os Profetas
que nos contemplam do adro
por ladeiras e declives
galgava os cimos do gótico.
– Se houvesse nascido em Minas.

Tornava à noite adernada
pela memória do Alferes
chamaria por Ismália
louca nos versos de Alphonsus
guardava conchas e pedras
que cismam junto das fontes
namorava olhos escuros
infantas de Montes Claros.
– Se houvesse nascido em Minas.

Nas tardes de violoncelos
com Mozart, Murilo Mendes
comprava vento e fazenda
de rubis para Marília
decifrava os labirintos
do claro enigma de Carlos.
Eu seria outro argonauta
outro corpo noutra homem.
– Se houvesse nascido em Minas.

ONDE NÃO PASSA O RIO

O rio (dizem) passa debaixo da ponte
mas, a bem da verdade, o rio
nem sempre passa debaixo da ponte.
Às vezes adormece à sombra das pessoas
à procura de migalhas de amor em cima da ponte.

O rio e a ponte, como todas as coisas
que se encontram entre realidades opostas,
são apenas verdades relativas
que roçam pelos nossos sentidos de mamíferos
esmagados pela densidade do eterno.

Até quando me darei conta de que é preciso
rejeitar a falsa premissa de que o rio
passa por debaixo da ponte?

Onde quer que esteja, estarei defronte
dos limites ilimitados do horizonte
onde não existe rio nem ponte.

VOGAIS DO AMOR

Subitamente as éguas vêm dos vales
recendendo a mormaços de capim.
Setembro é uma coivara e chega ao fim.
Começa a rutilância dos cavalos.

Outrora o descampado foi jardim
mas os jasmims tombaram de seus talos.
Agora a madrugada acorda os galos
para as núpcias dos filhos de Caim.

Na infância soletrei rios e tardes.
Vogais do amor gravei a canivete
na argila dos alpendres das mansardas.

Meu signo na Cabala é o número sete.
Entre espinhos de rosas e de cardos
vou te ofertar um solo ao clarinete.

MISTÉRIO MAIOR

A vida é uma diáspora de coisas pequeninas:
o cachorro com frio que ladra
a nossa porta, o gato que se diverte com a lagartixa
morta, as borboletas dialogando à beira do lago
mendigos bêbados à deriva do vento
o som das marés, o odor das barcas ancoradas
o clamor dos sinos na capela distante
a revoada das andorinhas nas tardes de novena.

Não liguês demais para os mistérios da vida.
Novelos que se desfazem por si mesmos.
– Pensa no mistério maior que nos espreita.

CANÇÃO DA LAGOA

A lagoa é a pupila sensual de um fauno.
Um olho fixo no corpo ondulado

da paisagem. Olho de retina dilacerada
pelo esporão das aves de rapina.

A lagoa mostra a nudez urdida de raízes
caules, folhas e flores eróticas.

Nudez de mulher que adivinha a hora
da colheita dos lírios do cio.

A lagoa é a pupila de um fauno
que se embriagou nas orgias da floresta.

Um fauno com seus chifres de bode
e os pêlos da luxúria eriçados pelo vinho.

TEORIA DA RELATIVIDADE

I

Do ponto de vista
da escala
de valores da
floresta
os olhos do lince
podem ser
mais importantes
do que as mãos
de Leonardo da Vinci.

II

Quaisquer que
sejam os sistemas
políticos:
os radicais da direita
ou os radicais das
esquerdas
no final das contas
herdas as perdas.

GATO NO SOFÁ

A tarde se desfaz como um novelo de fios de lã
rosas desabrocham e secam nos caules.

– O gato dorme no sofá.

Ao barulho das ruas e do atrito dos pneus no asfalto
molhado, ao estrépito dos motores e das rodas.

– O gato dorme no sofá.

Asteróides despencam do céu, atravessam o firmamento
e mergulham no mar como pássaros de fogo.

– O gato dorme no sofá.

Navios ancoram nas enseadas, carregados
de cadáveres de soldados que morreram na guerra.

– O gato dorme no sofá.

Bombas atômicas destroem aldeias de palha na África
trombetas anunciam o fuzilamento dos déspotas.

– O gato dorme no sofá.

Bigodes espetados na metafísica
da ração de carne e do pires de leite.

– O gato dorme no sofá.

A LAUDA E O LÁUDANO

Para Carlos Augusto Viana

O mito que engendra o mito
a nuvem que devaneia
a ave que emigra à tarde
mas não volta para a ceia
a ovelha que lambe a cria
a cria que escuta a flauta
o arqueiro que vem de Tróia
com seu gorro de argonauta
a brisa que despenteia
os cabelos da pastora
levanta a barra da saia
e afaga a crespa lavoura
a vida que flui da pedra
o jorro que irriga a horta
a chuva que acorda os campos
a morte que arromba a porta
a esfinge que tece o enigma
o enigma que não decifro
a lauda escrita com láudano
o mito que engendra o mito.

ODE ÀS PRIMAS

As primas eram lindas
tinham pernas olímpicas e seios empinados
discretamente eretos, sob a espuma
rendilhada das blusas de tafetá.
Nádegas opulentas
rótulas da mesma textura dos mármorees
lapidados. Esbeltas
alígeras, as primas nos enfeitiçavam.
– Seus belos tornozelos de Tágides barrocas
seus filtros e relevos anatômicos.
Tinham pestanas crespas
que se abaixavam maliciosamente
sobre uns olhos de amêndoa.
– Os encantos das primas não cabem nestas rimas.

HERÓI

Herói não é o que vai irrigar as lavouras
da morte nos campos de batalha.
Não é o que volta das trincheiras minadas
de explosivos com medalhas no peito
mutilações no corpo e na alma.

Herói não semeia tulipas de sangue
ramalhetes de napalm e rosas de átomo.
– Não é o aventureiro que fez xixi na lua.

– Herói é o que vai todas as tardes à padaria
mais próxima buscar o pão ainda morno
para testemunhar o mistério da vida.

TODOS SOMOS CÚMPLICES

Todos somos cúmplices
todos somos omissos
todos mentimos ao raiar do dia
e à noite somos covardes.
Todos adiamos a hora marcada
para a dádiva do pão,
do vinho da voz, do trigo do adeus.

Todos somos avarentos de palavras
e propósitos. Escondemos
a nossa fala, como se guardam moedas
de ouro num cofre de aço fechado a sete chaves.
Todos adiamos as migalhas do amor
para o dia seguinte.
– O vinho da voz, o trigo do adeus.

ADEUS ÀS PEDRAS

Chega de pedras. Falemos de jacintos
orquídeas e madressilvas.
Das papoulas ressuscitadas pela chuva
nas cercas de arame.

Chega de pedras mutiladas
por cicatrizes, fendas e verrugas.
Falemos dos meteoros, que nascem
e já se desintegram nas retas e nas curvas.

Chega de pedras no caminho e na bexiga.
Falemos das sínteses do amor,
dos instantes, dos instintos
e das náuseas da alma.

OVNIS

Sou um átomo extraviado
na poeira dos séculos.

Os galos prenunciam genocídios
em madrugadas vindouras.

Pelas fendas das cortinas de veludo
os espelhos sangram.

Fragmentos de cópulas nas vidraças
trincadas dos arranha-céus.

Vassalos do mito, erguemos
as plumas do amor num brinde à lascívia.

Pelas frestas dos vôos das andorinhas
acompanho a revoada dos ovnis.

UM VERSO NOS AMA

As pessoas íntimas
às vezes se tornam estranhas
que não as reconhecemos
dentro de casa.

Mais parecem visitantes recém-chegados
de alguma aldeia da Calábria.

Vive-se numa ilha do espaço
onde flutuam seres extraterrestres.
Em algum momento de nossas vidas
as pessoas íntimas se evaporam.
Só nos resta a certeza
de que um verso nos ama.

RECATO

Guarda o teu poema no fundo de uma gaveta.
Que as traças o devorem sem deixar
o mais débil vestígio de tua humanidade.

O que pensas do amor, da vida e da morte
não interessa a ninguém.
Todos estão demasiadamente distraídos
e preocupados com as precárias
liberdades do corpo e as metamorfoses da alma.

Digam o que disserem os graves e os cínicos
os bêbados e os bastardos
os que te cumprimentam todas as manhãs
com mentirosa cordialidade...
– Guarda o teu poema no fundo de uma gaveta.

NÓS E AS FORMIGAS

O universo é feito de coisas infinitamente grandes
e coisas infinitamente pequenas.

Pertencemos à hierarquia das formigas
que se alimentam de fungos nas profundezas da terra.

O que nos distingue do povo das formigas
é que elas escrevem poemas de amor ao trabalho
no pergaminho das folhas das árvores.

Nós os escrevemos com um olho no dicionário
e outro nas entranhas da metafísica.

AMIGO DO ESTEVES

Sou amigo do Esteves
aquele que costuma ir à tabacaria
todas as tardes comprar cigarros e miudezas
mas não entende nada de logaritmos
nem de metafísica.

Sou amigo do Esteves
o que toma porres de vinho do Porto como
se bebesse uma taça de láudano.

O que vai às tascas da Mouraria
escutar os gemidos dos fados e ver o sangue
jorrar das cordas e veias das guitarras.

Sou amigo do Esteves
que teria nascido numa província do Minho
e tentara se afogar nas águas do Tejo.
– O que gostava de mastigar
folhas de ópio nas aulas de metafísica.

ERA SETEMBRO

Era setembro
e o sol a pino flechava
o esqueleto das pedras
e perfurava as retinas
dos lagos e dos pássaros.

A terra recendia a coivaras
e labaredas. O vento
era um demônio que arremessava
dardos e facas amoladas
contra as andorinhas em pânico.

Era setembro
e eu te esperava com
um ramallete de madressilvas
uma taça de vinho
e um bracelete de conchas do Ártico.

Era setembro.
Sinos desfolhavam súplicas pelos mortos
que ruminavam tufos de relva.

REDONDILHAS

Meu barco de velas gregas,
é tempo de navegar.
Clara, a de pestanas negras,
virou sereia do mar.

Saudade é a vida passar
nessa veloz correnteza
levando tanta beleza
para os abismos do mar.

Cordélia lavou os pés
na água fresca do alguidar.
Seus cabelos têm anéis.
– Qualquer dia os vou roubar.

Vi um carro sonolento
subindo pela montanha.
Leva esses linhos do vento
para a amada que se banha.

Tu és o arroio que desce
rumo às aldeias do Minho:
doura as espigas da messe,
acorda os olhos do vinho.

Quando pelo espelho passas,
em volúvel desalinho,
teus seios são duas taças
repletas de escuro vinho.

No crepúsculo impreciso
o andar das adolescentes
me lembra os degraus ardentes
da escada do paraíso.

NOITE ALTA

Noite alta.

Estrelas molhadas lembram pastoras distraídas
à procura de ovelhas no céu.

Ao derredor das lâmpadas de mercúrio
besouros e mosquitos se divertem
antes de serem engolidos pelos sapos.

Uma orquestração de zumbidos, polifonia
de silêncios, vozes e sussurros.
Grilos boêmios tocam freneticamente seus metais.

CARREGADOR DE ANJOS

Ao Prof. Jean-Pierre Rousseau

João Pimenta era negro
qual noite de tempestade.
– Negro assim nunca se viu
com tal luminosidade.

Quase dois metros de altura,
serenidade socrática
– e aquela melancolia
que ofusca os olhos da África.

Carregava os anjos mortos
pro cemitério da aldeia.
Seu passo firme na estrada
não treme nem cambaleia.

Vai pela estrada deserta
de palavras e de assuntos.
Anda veloz porque leva
o mais leve dos defuntos.

Tão leve que o vento arranca
os bordados da mortalha.
Como os passos de veludo
de uma figura de palha.

Aonde vais, João Pimenta,
com tanta pressa, a esta hora?
– Vou entregar este anjinho
à Virgem Nossa Senhora.

Dizem que os anjos levitam
sobre os telhados das casas...
– Às vezes isso acontece.
Até formigas têm asas.

Anjos não morrem de febre
nem de câncer nem de tísica.
Esses meninos centauros
são filhos da metafísica.

O vento escreve uma ode
na longa estrada deserta.
Na Casa da Eternidade
tem sempre uma porta aberta.

Aonde vais, João Pimenta,
na tarde que já descora?
– Vou entregar este anjinho
à Virgem Nossa Senhora.

LUDOPOEMA

os ventos do Ártico
os ventos vindouros
os ventos voltaicos
os ventos do fogo

os ventos de espuma
os ventos do augúrio
os ventos da música
nas flautas de Tebas

os ventos da chuva
os ventos do estio
os ventos que arrancam
as folhas das léguas

os ventos dos lagos
os ventos do pântano
os ventos do raio
nas rimas do cântico

os ventos dos cimos
os ventos do vértice
os ventos que inventam
as rotas do pássaro

os ventos da fúria
os ventos da súplica
os ventos dos astros
os ventos dos ermos

os ventos da fala
os ventos do verbo
os ventos que apagam
as chamas do inferno

os ventos dos barcos
os ventos das velas
os ventos do léxico
os ventos da lápide

os ventos da peste
os ventos do Leste
os ventos do agreste
os ventos do incesto

os ventos das tardes
os ventos da ágora
os ventos de antanho
os ventos da origem

os ventos da véspera
os ventos do vórtice
os ventos do espelho
os ventos do espólio

os ventos do gótico
os ventos do Gólgota
os ventos do átrio
os ventos do arbítrio

os ventos da África
os ventos da Hélade
os ventos da Ilíada
os ventos de Tróia.

MARCOS DO SER

Mal nascemos e já somos
premidos pela bandagem.

Robôs vestidos de branco
conferem nossa engrenagem.

– Cuidados preliminares
para o resto da viagem.

Sabem que a vida não passa
de completa sacanagem.

Crescemos e descobrimos
que a mina é vender a imagem.

Até que ficamos velhos
sem lirismo e sem linhagem.

No final das contas
só nos resta a paisagem.

DESENHO DE UMA CIDADE

Uma cidade é uma cobra
que muda de pele.
Uma cobra que nos engole
e nos digere.

Uma cidade é uma cobra
que nos deslumbra.
E grava em nossa carne
seu rastro de fogo e húmus.

Uma cidade é um navio
com seus mastros de concreto.
Uma serpente de argamassa
do tamanho da noite.

Uma cidade é uma cobra
que nos ilude.
E nos mastiga com
seus caninos de mamute.

Uma cidade é uma
espécie extinta de baleia
que devora profetas
na hora da ceia.

FAST FOOD

Tudo mudou. Homens, coisas e animais
mudaram de lã ou de pele.

As palavras já não são as mesmas do tempo
em que estudávamos gramática
com os olhos míopes das professoras.
Nádegas e pernas das mestras
– objeto direto do nosso desejo
ofuscavam o interesse pela didática.

Olho o mundo de todos os ângulos possíveis
e tudo me parece oblíquo.

– É a civilização globalizada
a cultura de massa, a sagração do factóide
a fragmentação dos idiomas
(corta-se a palavra em frações microscópicas).
A vida, o amor, a morte, a realidade:
– tudo agora virou fast food.

VÉSPER NO TRAPÉZIO

Fico olhando para o céu,
concha e refúgio de Vésper.
Mas, volúvel dançarina,
não me hospeda em seu trapézio.

Doida estrela dos amantes
navegando em noite aberta.
Deuses, anjos e centauros
são namorados de Vésper.

Bailarina das galáxias
em seu trapézio de chamas.
Quanto mais de nós te afastas
mais te aproximadas dos anjos.

Estrela decapitada
por uma horda de pássaros.
Teu cadáver de topázio
celebra o sangue dos mártires.

Fico olhando para o céu
e os argonautas do inerte.
Mas meus olhos só te buscam,
ó doce abismo de Vésper.

DESDE SETEMBROS VINDOUROS

Desde setembros vindouros
as folhas estão caindo
entre nuvens e andorinhas.

Vejo as folhas levitando
borboletas dançarinas
que se desfolham no ar.

Folhas caem na alameda
nas torres dos campanários
nos fios da rede elétrica.

As folhas estão caindo
na tumba de um anjo erecto
fugido do apocalipse.

As folhas são asas lívidas
de um pássaro que se alimenta
de coisas acontecidas.

Enquanto os reinos desabam
e os mitos mudam de nome
as folhas estão caindo.

CIMENTO & DEVANEIO

Todos cantam sua terra
também vou cantar Brasília:
cimento que devaneia
em domingos de lascívia.

Os anjos da catedral,
madre erguida em praça pública.
Os vitrais incendiados
pelas centelhas da súplica.

Canto as asas desse pássaro,
plumagem de relva e brisa.
Seus mamilos lapidados
em domingos de lascívia.

O lago como um rebanho
de ovelhas pacificadas.
Pupila de um deus insone
que incendeia as madrugadas.

Lúcio Costa, Niemeyer,
a Ermida de Dom Bosco.
Seios brotando da relva
nas tardes de vidro fosco.

Canto a cidade sonhada
pelo argonauta de Minas.
– Urbe que o mito preserva
dentro de nossas retinas.

Os candangos e a magia
das mãos que semeiam gestos,
modelam vigas que brotam
dos sonhos dos arquitetos.

O cerrado e seus crepúsculos,
os momentos de vigília.
O amor que devora os corpos
em domingos de lascívia.

Canto o Palácio dos Arcos,
O Parque Zoobotânico.
Os espaços que me ofuscam
com seu fausto arquitetônico.

Em domingos de lascívia,
de azul mais rijo e mais puro,
canto a cidade e seus olhos
voltados para o futuro.

Trevos que emergem das trevas,
volúpias que se bifurcam.
Alamedas de aloendros,
retas que esbarram nas curvas.

Bustos despontam do verde
com o despudor de uma orquídea.
Nuvens são formas de incesto
em domingos de lascívia.

Presságios deitam raízes
no coração da metrópole.
Outrora, ali, só se ouvia
rumor de perfuratrizes.

Jardim de astúcia e algarismos.
– Urbe de rubros ovários
em cujo dorso galopam
descendentes de centauros.

Cidade em corpo de pássaro,
longas asas de albatroz.
– Em teu ser de liberdade
um pouco de todos nós.

RIOS: CURSO E PERCURSO

Água dos rios não cessa de correr
até desaguar na sua foz.

Leva os sonhos dos vivos e dos mortos
e escreve poemas de espigas
nos campos semeados.

Água dos rios do tempo dos meninos
que desenhavam borboletas
e meninas nuas nas garupas das vacas.

Água escorregadia do rio de Heráclito
onde as sombras dos homens
não se molham mais de uma vez.

PREMONIÇÃO

Sempre soube que o mundo é dos libertinos
dos anjos expulsos do paraíso
dos que têm na pele o estigma de Caim
dos que nasceram com a sensualidade dos faunos
e a volúpia dos cavalos-marinhos.

Sempre me disseram que divindades aquáticas
semeiam lendas nos olhos dos peixes
para aplacar a fúria suicida das baleias.

Sempre ouvi que arcanjos argonautas
pousam, de leve, nos mastros dos navios
para escutar os sonhos dos mortos.

MINICANÇÃO PARA EMÍLIO MOURA

Emílio Moura
no vôo de um pássaro
que vem de outrora.

Desde o raiar da aurora
persegue a estrela
que ele namora.

Chega, não se demora
sai à procura
do eterno agora.

Escuta a asa sonora
do negro pássaro
que o leva embora.

Emílio, onde é que moras?
– Perto dos astros
ou das amoras?

Mágico, refaz a hora.
E o verso límpido
não se evapora.

Em Minas, no espaço em fora
Emílio entrega um salmo
a Nossa Senhora.

SERENATA PELA ALMA DO ALFERES

Para Joanyr de Oliveira

Na antiga Vila Rica, onde até
os seixos e os punhos das mortalhas
eram de ouro de lei,
ventos de augúrios e misereres
ainda entoam ladainhas
pela alma peripatética do Alferes.

No vestíbulo da Casa dos Contos,
ao som dos sinos do Carmo e da matriz do Pilar,
sombras alongadas de mulheres
vestidas de negro
ainda desfiam contas e soluços
pela alma incandescente do Alferes.

Pelas ruas e ladeiras de Ouro Preto
os passos de uma sombra deslizam para a noite.
Onde quer que estiveres,
os lábios herméticos das pedras
entoam preces e salmos
pela alma inconfidente do Alferes.

BALADA DA CASA DOS CONTOS

Da Ponte de Marília
chega o arrulho das fontes.
Vai-se ao Museu da Prata
por declives e montes.

Uma escrita esculpida
na memória da pedra
diz: a Casa dos Contos
já foi Casa da Moeda.

Arraial do Ouro Podre
sobrados e chafarizes
casario barroco
deitado nos declives.

Fantasma pelos cantos
da ex-Casa da Ópera.
A estranha romaria
vem da Casa dos Contos.

Ouro do Chico-Rei
guardado nas ruínas
nas burras do monarca
nos seios das meninas.

Museu do Aleijadinho
pinturas do Ataíde.
O Paço e a Cadeia
vertentes de água antiga.

Dizem que a baronesa
amava as turmalinas
e até roubava o ouro
das tranças das meninas.

PARA UMA TEORIA DO ABSURDO

O sonho dos deserdados
 mal começa e já termina.
Ou morrem de verminose
 ou falta de vitamina.
Onde quer que nos achemos
 na planície ou na colina
o sino dobra a finados
 por menino ou por menina.
A morte faz sua ronda
 com volúpia de caftina.
Todos passam pelo gume
 de sua foice de morfina.
Falta pão, arroz e trigo
 mas não falta gente fina
que alimenta os seus cachorros
 com a melhor carne bovina.
A morte chega da aurora
 ou quando a tarde declina.
Vem montada em seu cavalo
 negro, de ondulada crina.
Está sempre à nossa espera
 numa curva ou numa esquina
comendo balas de ópio
 com folhas de cocaína.

CANÇÃO DOS EXCLUÍDOS

A noite aprofunda-se.
O coração da metrópole começa
a bater mais devagar.

Fauna das periferias urbanas
descendentes das elites dos excluídos
tomam conta das ruas.

É a fina flor da escória social
à procura das migalhas do capitalismo
onde só existe solidão e vento.

Lâmpadas cansadas e gente cansada
à procura de gestos de esperança
onde só existe solidão e vento.

O medo equilibra-se em pernas magras
pálpebras despencam na lama, estrelas suicidas
atiram fragmentos de ouro no asfalto.

Os catadores de lixo
sabem que são vassalos do céu.
– Cada vez mais alto.

OBSCENO RUMOR DA GUERRA

Com a rapidez dos arautos da lepra
o obsceno rumor da guerra
explode os tímpanos do mundo.

Mísseis e bombas inteligentes
partem a cada momento
do cérebro e das entranhas do sátrapa.

Enquanto Roma ardia sob as chamas
Nero tangia as cordas da lira
para aplacar a cólera dos deuses.

O novo imperador do mundo
é um narciso que se contempla
nas águas de um pântano.

Refaz as mechas dos seus cabelos
enquanto mísseis vomitam
bombas e explodem madrugadas.

O obsceno rumor da guerra
assusta homens e pássaros
e outros hóspedes da esfera azul.

CÂNTICO INDUSTRIAL

Ouço os apitos das fábricas
sobre telhados de bronze;
as multidões que se agitam
como formigas elétricas.

Ouço o rumor do progresso
atrás dos muros de pedra
onde aranhas e operários
tecem as teias da morte.

Ouço a agonia dos êmbolos
e a rotação dos cilindros.
O estertor das engrenagens
aos sábados e domingos.

A vida flui, rio espesso,
dos movimentos centrífugos:
como de artérias rasgadas
o oculto sol da matéria.

Ouço o rugido das máquinas
regando a rosa dos átomos.
A selvagem melodia
dos atritos e dos ácidos.

Lembram búfalos de aço
correndo pelas planícies
de um mundo em que rastejamos
como formigas elétricas.

São do amanhã esses pássaros
em cujas ancas de fogo
galopa um anjo de plástico
rumo aos umbrais do futuro.

Amo os corpos de alumínio
das metrópoles modernas.
Arranha-céus que flamejam
entre nuvens cor de terra.

O negro rio de asfalto
corre em alamedas amplas.
Faíscas que se entrelaçam
são pêras, cachos de lâmpadas.

Essa volúpia dos eixos,
essa vertigem dos vórtices
são adagas, vêm do peito
de uma guitarra sem cordas.

Música é o som dos pneumáticos
sobre os paralelepípedos;
e as vozes vastas dos ventos
vindos dos mares de vidro.

Canção é o zumbido desses
negros músculos de ferro.
O cântico das bobinas
celebra o mundo moderno.

Sonho a cidade de vidro
num céu de nuvens metálicas.
Mãe que gera e amamenta
homens, formigas elétricas.

A cidade de alumínio
numa colina de antúrios;
dourada ao sol deste século
e dos séculos futuros.

Uma cidade dialética
sem vassallos e milordades.
Poetas fazem comícios
para formigas elétricas.

Uma cidade sem muros
e sem papoulas de arame;
sem túneis, sem labirintos,
sem mortos nas catedrais.

Cidade de mil cavalos,
mil gorjeios e episódios.
– Uma cidade assimétrica
como os versos de uma ode.

Cidade feita de apelos
florindo por trás dos vidros.
Mil cavalos galopando
nas pastagens do arco-íris.

(1965)

TERCEIRA PARTE

Argila Erótica

Tu pisavas nos astros distraída.

Orestes Barbosa

Terra que a matuta veste
uma blusa transparente...
Se debruça na janela,
esperando o pretendente:
deixando o cheiro do seio
na madeira do batente.

Pedro Bandeira

1

Te procuro nas ondas, na areia
do mar, na espuma que devaneia.
Te procuro na palpação das praças
na chuva que desenha augúrios nas vidraças.
Te procuro no equinócio dos rios
na solidão dos tombadilhos dos navios.
Te procuro na esperança, no anseio
de liberdade. Te procuro no meio
da noite orbital, nos olhos de safira
da escuridão, na luminosidade que delira.
Te procuro entre hipocampos azuis
na rota dos pardais que beliscam as amoras da luz.
Te procuro nas águas do veio sonolento
nas cordas de bambu das harpas do vento.
Te procuro em cada pedra acordada
que te viu passar, pássaro da madrugada.

2

Tu és a orquídea desabrochada
nas cicatrizes do corpo de uma árvore
dilacerada pelos relâmpagos.

A manhã que arrulha nos pássaros
e acorda os caminhos. Buquê de sangue
à flor da pele dos velhos vinhos.

A ponte sobre o rio onde os peixes
amam e as tardes se debruçam
para escutar o adeus dos navios.

3

O amor é feito de matéria volátil
da espuma do pêlo do gato
da inconstância das ondas do mar.

O amor germina em nossa pele
se hospeda em nosso peito
se enraíza nas veias, nas artérias.

– De tal forma nos governa
que nos tornamos vassallos
dessa mentira eterna.

4

Te esperei na cancela da estrada
entre papoulas espetadas
nas cercas de arame.

Te esperei com raiva e paciência
te esperei no limiar
de uma escada de pedra.

– Te esperei como o deserto
e os rastros das caravanas
esperam pela chuva.

5

Você é o lume da véspera
a estrela da tarde pousada no rio.
A concha do mar, o salitre
da espuma, os lírios das marés.
A hora da tarde quando as crias das
ondas vêm balir no convés.
A faísca da romã, que incendeia
os vestígios da alba.
– O vento adivinho que semeia
augúrios pelo caminho.

6

Amar é estar acordado
escutar o rumor das flechas da nudez.
Sair do casulo do corpo
como quem sai de uma caverna.
É ter a leveza de um pássaro
que emigra para os estios da cópula.
É saber que ela nos espera
num banco de pedra, amamentada
pelo cio da loba romana.
Amar é dissipar as trevas do corpo.
Acender as luzes de um navio.

7

Sei que ela roça por mim
pisa de leve na minha sombra
e me ressuscita com o seu hálito.

Sei que de seus ombros
se desprendem movimentos
dourados como os cachos das vides.

Sei que os seus olhos de áugure
atravessam o meu corpo
e me decifram gestos e palavras.

Sei que os nossos passos se bifurcam
numa estrada de violetas
crestadas pelas volúpias do mar.

8

Um dia percebemos que as amadas se evaporam
no ar como se nunca tivessem existido.
Sombras de pássaros na água

elas emigram para lugares distantes
ou talvez para alguma estrela
dessas que flamejam nos trapézios do céu.

As amadas passam como o vento
são inconstantes como as brisas que derrubam
as folhas mortas de um pomar.

Semelhantes a esses gatos de pelúcia
que nos arranham com seus bigodes de mercúrio
e vão-se lambuzar no pires de leite.

As amadas, quando vão embora,
deixam apenas a memória do perfume
como um punhal cravado em nosso peito.

9

Teu corpo é uma estrada de conchas
por onde se vai ao mar.

Uma colina verde onde as rosas
se despem para desabrochar.

A rota das naus que partiram de Tróia
no momento de ancorar.

Um vinho de uvas frescas, o dorso
da égua e do seu galopar.

O teu corpo é uma ode escrita
com palavras de sangue
nas profundezas do mar.

10

O peso do amor
é igual ao uivo da noite
mordida pelos cães.
Igual ao peso da estrela
cadente que flutua
no dorso arcaico do mar.
Igual ao peso da nuvem
que veleja no céu
numa tarde azul de setembro.
Mas o peso do amor
tem a leveza de um pássaro
que regressa ao convívio da aurora.

11

Sou uma nau que veio dos mares
de Ulisses para ancorar nas espumas
e conchas do teu corpo.

Uma nau rumo às cinzas de Tróia
carregada de vinhos e sândalo
para as núpcias de Helena.

Uma nau de velas abertas vem
dos confins do tempo para te ofertar
essências de mandrágora e aromas exóticos.

12

Te amo na esquina da rua onde
se vende pipoca. Procuro a infância
das palavras em tua boca.

Te amo no espelho, no raio
de sol que devaneia no quarto.
Na lâmpada acesa no pórtico.

Te amo na espuma da onda
nas velas do barco, nas longarinas
da aurora, na luz soterrada das conchas.

Te amo nas pupilas dos felinos
na chuva que desenha cabeças de anjos
e faunos nos vidros das janelas.

13

Ao falar do mar
penso na travessia das gaivotas
ao falar das gaivotas
penso na luminosidade das marés
ao falar das marés
penso na inconstância das ondas
ao falar das ondas
penso na polifonia das espumas
ao falar das espumas
penso na sensualidade das conchas:
iguais às que escondes
de mim nas restingas ensolaradas
do teu corpo.

14

Penso: logo tua chama
incendeia o meu pensamento
logo me entregas
as pálpebras da orquídea submersa
logo o dia amanhece
em todas as conchas do teu dorso
logo os meus olhos
esvaziam o cálice de tua nudez
logo te aproximas
coroadas de algas e de espumas.
Penso: logo existes
metamorfose da rosa em meu sangue.

15

Te amo na ponte de um rio de signos
de onde o suicida saltou
para o abismo.

Te amo nas orlas do sono
no rastro de fogo da estrela mais
alta do meridiano.

Te amo na estrada que se bifurca
nas chamas que acariciam
as relvas da gruta.

Te amo na curva do ano bissexto
quando o trigal do teu corpo
é mais crespo.

16

Leu filósofos e seus tratados
todos os preceitos do Kama-Sutra
passou dez anos entre livros e opúsculos
até descobrir que a razão do amor
é uma orgia dos músculos.

O que disseram sobre a poesia de
Francisco Carvalho

Os sonetos de Francisco Carvalho não obedecem ao silogismo tradicional dos tercetos finais: todo ele é criação de uma atmosfera, de um microcosmo em constante ebulição rítmica e metafórica, de visões algumas vezes oníricas ou surrealistas, fluindo com uma naturalidade espantosa. (...) Carvalho, neste volume, dá um banho em termos de técnica e inspiração. *Pastoral dos Dias Maduros* é, como se costuma dizer, um livro que já nasceu clássico. E como tal permanece, no meu entender, como um dos melhores da poesia brasileira, de qualquer época. (...) Embora dele discorde ou me coloque em pólos aparentemente opostos da geografia poética, rendo-lhe a minha homenagem e reafirmo a minha admiração por sua arte. Arte de um poeta maior, que o Brasil precisa urgentemente conhecer mais e aplaudir.

Adriano Espínola
Doutor em Letras, poeta

"O Silêncio é uma figura geométrica", novo livro de Francisco Carvalho, sem dúvida, eleva a altitude da boa poesia brasileira. Linhos são os seus versos, fruto de quem é mestre no fazer-poético.

Aluysio Mendonça Sampalo/SP
Ficcionista, poeta

Pensamos sobre a poesia de Francisco Carvalho como a expressão de uma consciência crítica aguda, revelada lentamente, ao longo desses anos de exercício poético, num jogo de imensas possibilidades de leituras, mas transformadas em puro lirismo. (...) não que Francisco Carvalho seja um poeta panfletário, engajado politicamente. O que se quer dizer é que ele tem um compromisso expresso com a realidade.

Ana Vlândia Mourão/CE
Mestra em literatura

O que tem de radicalmente popular, em fusão homogênia com o que tem de erudito, confere à poesia de Francisco Carvalho um sabor de vida, a par do mérito literário que de há muito se lhe reconhece.

Anderson Braga Horta/BR
Poeta

Francisco Carvalho, cearense residente em Fortaleza, é um dos mais importantes poetas brasileiros contemporâneos, com obra ampla e densa.

Antônio Carlos Osório/BR
Jurista, poeta

Esse interesse por vossos versos, aliás, foi sempre crescente em mim. Sois uma âmbula viva da poesia e guardais, como todos os legítimos poetas, o sono das palavras e do tempo interminável, ou a sombra do eterno a iluminar o efêmero. Por isso vos saúdo com a maior emoção, reconhecendo a alta dimensão da obra que realizais.

Artur Eduardo Benevides/CE
Discurso de recepção a FC na ACL

Na verdade, a poesia de Francisco Carvalho é um dos nossos mais caros orgulhos nacionais.

Ascendino Leite/PB
Memorialista, romancista, poeta

A poesia de Francisco Carvalho, por tudo aqui defendido, espalhada numa obra de aproximadamente trinta títulos, já deveria estar numa posição muito mais elevada em termos de conhecimento no âmbito nacional, e não ficar, digamos, circunscrita à sua província. Posto que estamos diante de uma das dicções mais vigorosas da poesia de língua portuguesa da atualidade.

Astier Basílio/PB
Poeta

... Assim, cada poema de Francisco Carvalho é um diamante lapidado em facetas simétricas. Senti na sua linguagem uma espécie de ludismo matemático, que me remeteu ao discurso engenhoso dos sermões de Vieira. Uma linguagem que busca sempre o equilíbrio das forças minerais, a harmonia do cristal.

Astrid Cabral/RJ
Poeta, ficcionista

Francisco Carvalho procura, em sutil disfarce, em voleios de ciranda e balada, decifrar os porquês de tudo. (...) O poeta registra e flagra o efêmero, o passageiro, buscando (e alcança) eternizá-lo. O campo, o vento ou a aurora não cirandam como borboletas soltas. São gotas que se ampliam no verso, na poesia, em dimensão cósmica.

Caio Porfírio Carneiro/SP
Ficcionista, memorialista, poeta

Consciente de que o verso moderno reside, principalmente, na sua essência, Francisco Carvalho é um depurador do Modernismo,

caminhando sempre em busca da maturidade estética. Dono de uma linguagem vincadamente pessoal, de reflexão crítica, alça vôo, através do humor e da ironia, aos mais longínquos exílios do homem.

Carlos Augusto Viana/CE
Mestre em Literatura, poeta

Os poemas de Francisco Carvalho possuem aquela unidade descontínua própria da lírica. Seu ritmo oracular é perfeito, como neste belo estudo da alma: "Te carrego nas entranhas / como um cão uivando // Um cão dilacerando a memória.// Te carrego nas entranhas / como se agasalhasse / um pássaro banido / do céu. // Te carrego nas entranhas / como se tivesse medo / aos olhos de areia da eternidade". Em Francisco Carvalho, as metáforas do genitivo são freqüentes e o situam entre um dos melhores criadores de imagens da poesia brasileira, ao lado de Murilo Mendes e mais uns poucos.

César Leal/PE
Professor, poeta, crítico

Francisco Carvalho, com a linguagem ricamente figurada (sem absurdos) e com a "desrealização" da matéria, diz o que convém, sem petrificar o dito. Com emoção que toca o leitor e com a beleza que só as verdadeiras obras de arte proporcionam. Assim, recorrendo a imagens inúmeras, a figuras sem conta, a alusões várias e referências culturais, num alargamento fecundo da semântica, visualiza, teimosamente, o tema da morte; a preocupação com o tempo; o vazio da vida; a fugacidade das coisas; a perplexidade em frente aos quadros da natureza e a inutilidade do esforço humano. Por isso, com "O Silêncio é uma figura geométrica" (Programa Editorial da Casa de José de Alencar), Francisco Carvalho se põe, mais uma vez, entre os nossos grandes poetas.

Dias da Silva/CE
Professor, escritor

A poesia de Francisco Carvalho é universal. O homem é nordestino. Perscrutador da "chuva nos beirais", como um bom sertanejo sabedor de invernos e rebanhos no doce ou no árido aclive dos montes. Argonauta nordestino ouvindo as vozes das musas inquietantes e as lamentações de Penélope. Renova o canto trágico grego no canto das rezadeiras, nas profecias dos profetas, ou nas trovas dos

bardos anônimos das feiras nordestinas. Os reinos estão vazios. Calígula, insone, passeia nos corredores do palácio, com medo de perder a lua. Só o poeta conhece o tempo e convida o estranho para o banquete da vida.

Dorian Gray Caldas/RN
Poeta, pintor, crítico.

Em "A Conha e o Rumor", Francisco Carvalho se reafirma, sem nenhum favor, como das expressões maiores das letras cearenses e da poesia brasileira contemporânea, altura a que já se elevara com "Pastoral dos Dias Maduros", "As Verdes Léguas", "Quadrante Solar", "As Visões do Corpo" e "Raízes da Voz". Justas, pois, as palavras consagradoras de Gerardo Mello Mourão, Ivan Junqueira, Moacyr Félix, Ascendino Leite e Nelly Novaes Coelho – esta no excelente ensaio em que estuda o "Romance da Nuvem Pássaro".

Edmílson Caminha Júnior/BR
Professor, escritor

Ao lado de uns versos de "Corpo Arcaico do Dia", anotei imagens poderosas e até surrealistas, um sopro com o timbre e a mesma força de alguns versos de Murilo Mendes e Jorge de Lima. Exemplo: "O dia é um cavalo branco / de crinas extraviadas". Força e pungência: "De que te acusa o braço / que sai de dentro do epitáfio?" O poema "As Curvas de Eros": extremamente forte e belo, problematizando a vida e o próprio ofício: "de repente mastigamos / palavras amargas / palavras cujo sumo foi espremido / pelos dedos da morte".

Emanuel Medeiros Vieira/BR
Ficcionista

Para a análise de toda a obra poética de Francisco Carvalho, em amplitude e diversificação de ensaio, entendo que o crítico haverá de recorrer a renomados mestres dessa área, a exemplo do que fiz para escrever os capítulos "Semântica Poemática" e "Didática das Transmutações" da minha rejeitada "Teoria da Versificação Moderna". Com base numa bibliografia de tal nível, bem mais convincente se tornaria a identificação dos signos impregnantes, em que se inclui a metáfora como instrumento de maior expressão transmutativa da linguagem escrita.

F. S. Nascimento/CE
Crítico, ensaísta

Acompanho os trabalhos do poeta Francisco Carvalho, de quem sou leitor interessado, pois o considero uma das nossas grandes vozes líricas. Falemos de "A Concha e o Rumor" (Fortaleza, UFC, Casa de José de Alencar, 2000), cristalização da longa experiência lírica do poeta Francisco Carvalho. Ali se condensam as mais salientes vertentes temáticas do autor: de um lado, o culto elevado da tradição clássica, especialmente a grega, de que o poeta cearense destaca, de modo especial, o mito de Sísifo, visitado sob diferentes ângulos. (...) De outro lado, converge na poética de FC o jogo musical das palavras, herança remota do Simbolismo, a escorar o rito e a solenidade da tradição helênica.

Fábio Lucas/SP
Professor, crítico, ensaísta

O TECEDOR é bem um livro de maturidade, quando o poeta se "ilumina de imenso" e vê chegada a hora de dizer tudo, com amor e ironia, com melancolia e sarcasmo. A forma retoma o rito órfico e o versículo bíblico, o verso breve e o verso largo, solene, quase pomposo, do primeiro Vinícius e do Jorge Lima da poesia em Cristo, que ainda repercutiria em Deolindo Tavares.

Fausto Cunha/RJ
Crítico literário

Há muitos anos rumino às vezes alguns de seus versos. Não direi que me lembro deles, pois, como ensinava o nosso pai Platão, a gente só se lembra daquilo que tinha esquecido. E um poeta não se esquece nunca da poesia lida. Só sei que guardo aqui, como quinhão de minha legítima herança no formal de partilha, este verso de Francisco Carvalho: "um alguidar de barro com reminiscências dentro". O verso é de Francisco Carvalho. Mas o alguidar é meu. (...) Ele me ensina a chamar o morto. Não a morte. O morto. O morto é a metáfora da morte – a morte transportada para dentro do ser.

Gerardo Mello Mourão/RJ
Poeta, ficcionista, ensaísta

A poesia de Francisco Carvalho tem a particularidade de exigir a participação do leitor. Não é um mero jogo lúdico com que o poeta se diverte, sozinho, fazendo palavras cruzadas, na auto-satisfação de resolver um problema técnico, a qual cobra do leitor apenas a passividade cúmplice. Seu verso exige a atenção do canal receptor para a compreensão da mensagem, fazendo com que surja o diálogo do au-

tor com o leitor, estabelecendo-se a eficácia comunicativa, como ensina Habermas".

Henriques do Cerro Azul/BR
Poeta, crítico literário

Os motivos são como que explorados, em suas camadas significativas, por intermédio de uma sintaxe de caráter expansivo que vai modulando, dentro evidentemente da cadência do verso, a cartografia das imagens, responsável, ao fim, pela expressão figurativa dos motivos abordados. As funções referencial, emotiva e lúdica dos procedimentos lingüísticos interagem sob a presidência aglutinadora da função poética, o que faz da dicção de Francisco Carvalho, neste e em tantos outros momentos, uma caleidoscópica geografia de imagens oníricas e visionárias a materializarem uma verdadeira "poética do davaneio", como diria Gaston Bachelard.

Hildeberto Barbosa Filho/PB
Professor, ensaísta, poeta

A poesia de "A Concha e o Rumor" é intertextual, promove um diálogo com textos universais, tornando-se contemporânea, mais humana em seu discurso e mais próxima dos homens, degredados filhos de Eva. Nesta nova publicação, pode-se perceber uma nova poesia, e uma nova estrutura que já não se pode mais dizer inquebrável... Como se vê, estamos diante de uma literatura que se permite as renovações, justificando uma afirmação dialética... O tempo não existe para a poesia de FC, ele pode ir e vir e não alterará as suas feições. Ela permanecerá soberana, orientando as fúrias e as emoções dos mortais.

Inocência de Melo Filho/CE
Professor de Lit. Brasileira

O novo livro de Francisco Carvalho, intitulado "As Verdes Léguas", é um roteiro de poemas da melhor densidade estética, de versos da mais pura simplicidade filosófica, onde as metáforas se entrelaçam e se multiplicam, num verdadeiro manancial de imagens cuidadosamente equacionadas. Nele o poeta mostra, em toda a sua plenitude, o amplo teatro que representa sua vida, as verdes léguas percorridas em cada livro que publicou no decurso de suas atividades literárias.

Iranildo Sampaio/CE
Poeta

O livro "Os Exílios do Homem", de Francisco Carvalho, surpreendeu-me não apenas pela pujança imagístico-metafórica, mas sobretudo pelo *ostinato rigor* de sua estrutura estilístico-formal. É como se ele escrevesse um poema único, tamanha a coesão de um todo cujas partes parecem articular-se graças a uma sutura que se diria mesmo inconsútil. Em vários poemas, sem demérito algum no que toca aos demais, sua linguagem poética alcança o ápice da limpeza e da limpidez expressivas.

Ivan Junqueira/RJ
Poeta, ensaísta

Quem ler com atenção a obra de Francisco Carvalho, talvez sintam o que sinto. E reconhecerá nele o que tão bom disse Fausto Cunha: "Um dos grandes poetas da literatura brasileira contemporânea". Não tenho nenhuma dúvida em endossar essa opinião, pois na minha condição de leitor e de poeta em constante aprendizado, considero-me um cúmplice de sua poesia.

Jaci Bezerra/PE
Poeta, crítico

Que o considero um dos nossos melhores poetas, já lhe deve ter chegado ao conhecimento, porque enfatizado em entrevista e em letra de forma. Como se não bastasse tanta beleza, tantos refrões a ressoar bem fundo na alma, tanta metáfora densa e cristalina, Francisco Carvalho ainda me surpreende com essa homenagem a Octavio Paz! Com esse tributo ao mestre mexicano, FC tornou-se ainda maior perante os meus olhos de amante e praticante da poesia.

Joanyr de Oliveira/BR
Professor, poeta, jornalista

O livro "Romance da Nuvem Pássaro", de Francisco Carvalho, é desses inspirados em que somente um poeta de fôlego teria o condão de escrever, com leveza de pássaro, para desvendar o universo profundo, submerso e marinho, em visita aos infinitos recônditos do pensamento de Octavio Paz e de tantos outros lumes da poesia universal.

João Baptista Sayeg/SP
Jurista, poeta

A poesia de Francisco Carvalho – já traduzida para o francês – reflete as frustrações, as buscas e os anseios do Homem, desde a

referência ao espaço geográfico, passando naturalmente pelas inquietações e malogros da vida privada, até culminar com a vitória da visão estética sobre o caos da existência. Uma poesia densa, vibrátil e original, que só encontra parâmetro nas vozes de grandes poetas, como Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, José Godoy Garcia, Anderson Braga Horta e, fora do Brasil, Pablo Neruda, César Vallejo, para ficarmos só na América do Sul.

João Carlos Taveira/BR
Poeta

Carvalho aprendeu a fazer poesia muito cedo. Conheceu as técnicas do verso, o artesanato, seu mistério; a estrutura, a forma, o esplendor das metáforas; a palavra necessária, escolhida, eleita, os grandes mitos da história. Sua linguagem nova, pessoal e polissêmica, o situa entre os mais altos cultores da poesia brasileira deste fim de século.

José Alcides Pinto/CE
Ficcionista, poeta

Recebi "O Silêncio é uma figura geométrica", de Francisco Carvalho. O livro, sem sombra de dúvida, engrandece não apenas o seu nome, como os trabalhos já consagrados com que ele vem honrando a literatura brasileira. O Prof. Luiz Tavares Júnior fez justiça, dedicando-lhe, na introdução, uma competente análise da poesia de Francisco Carvalho. Ele percebe muito bem as belíssimas irradiações de sua poética rica e polimorfa.

Prof. José Lins/BR
Engenheiro, ex-senador, poeta

"Quadrante Solar" ratifica as já conhecidas qualidades do criador de "Barca dos Sentidos" e, de igual modo, consolida a sua condição de um dos mais significativos nomes do poliédrico mapa de nossa contemporaneidade lírica.

José Mário da Silva/PB
Crítico literário

E o cotidiano escorrendo em sangue, em sol, em sal? E as Anetes coisificadas? E a diáspora dos bichos? A nuvem é o poeta e seu romance, e este, sua intuição captante. As litâneas são freqüências que

persuadem. Poesia vigorosa, de ritmo interior mais que de ansiedades formalísticas.

Prof. José Newton Alves de Sousa/BA
Poeta, filósofo

A poesia de Francisco Carvalho é de uma riqueza literária imensa, possui o alumbramento poético necessário à própria sobrevivência do homem. É densa em símbolos, rica em preciosas metáforas, descarnada dos artifícios meramente lingüísticos, inovadora na recuperação do tempo – quando capta a essência, a razão de ser do soneto. É uma poesia necessária, e por necessário entendemos tudo aquilo que nos faz mais humanos.

R. Leontino Filho/SP
Poeta

A poesia de Francisco Carvalho já se consagrou nacionalmente. Na "Rosa dos Eventos", pelos versos de elevado nível artístico com que se suaviza a condição humana, que, sem o poético, anularia o homem definitivamente, o poeta, como no restante de sua obra, consegue impor-se à real admiração dos leitores e da mais exigente crítica. (...) Francisco Carvalho é um daqueles nossos poetas cearenses que vêm construindo, pela fluência e a qualidade, uma das obras mais sérias e indestrutíveis, podendo equiparar-se à dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos.

Linhares Filho/CE
Doutor em Letras, poeta, ensaísta

Uma poética tangida pelo sopro mágico da criação, moldada pela sintaxe do bronze, reflexos de mananciais secretos, subjacentes à manifestação da palavra. Uma poética nutrida dos elementos primordiais e forjada também pelo compromisso e pela vocação da universalidade.

Luciano Maia/CE
Poeta e crítico

"O Silêncio é uma Figura Geométrica", última obra do Sr. Francisco Carvalho, é uma epítome de sua poética. Inúmeras são as imagens, incontáveis as referências, múltiplas as figuras, variadas as alusões, constantes as recorrências ao mito e aos deuses, gnomos e fadas, que aludem à Morte, desdobram sua idéia e alargam sua se-

mântica, a se derramar no significante do livro. Sem esforço, pode-se perceber a veracidade do que foi dito e a eloquência do que se calou.

Prof. Luiz Tavares Júnior/CE
Doutor em Literatura

O livro "O Silêncio é uma figura geométrica", dividido em três partes, traz um Francisco Carvalho incomparavelmente mais preocupado com seu fazer poético, auto-exigência talvez de um poeta maduro, inquietação que podemos constatar, inclusive, em "Hóspede do Tempo" e "Dialética do Poema". Outra característica constante e fundamental na poética de Carvalho, presente em sua publicação mais recente, é a cosmovisão do poeta, para quem, parece-nos, tudo no universo brinda uma origem só: da chuva à pedra, dos seres aquáticos ao homem, guardam resquícios das águas e, principalmente, do mar, como nos versos de "Condição Humana": "Todos somos contemporâneos dos rios / ligados à placenta do mar". O poeta, diferente dos simples mortais, não precisa remeter ao espaço sideral mensagem alguma. Suas sementes de eternidade já estão plantadas".

Mailma de Sousa/CE
Mestra em Literatura

É esse, a nosso ver, o sentido maior da "Ode ao Pastor das Estações", com que Francisco Carvalho celebra a memória de Octavio Paz. Ao longo de 129 estrofes e 967 versos, o poeta cearense comunga com o universo poético criado pelo autor de LOS HIJOS DEL BARRO, reinventando suas veredas, picos e abismos.

Nelly Novaes Coelho/SP
Professora da USP, ensaísta

Tanto os temas como as metáforas, a linguagem, os vocábulos, tudo em Francisco Carvalho é o chão do Ceará, embora ele não seja um poeta popular ou como os poetas que se valem da seca, da fome, da migração, para compor poemas. Francisco Carvalho é de outra estirpe. O seu domínio do verso, da linguagem poética, do uso de vocábulos seculares, clássicos e ainda em voga, da mitologia grega e bíblica, que ele reaproveita, recria, o seu estilo, a sua poesia é moderna, pessoal e rica.

Nilto Maciel/CE
Ficcionista, poeta

Francisco Carvalho, poeta cearense que, tendo estreado em 1955, deu-nos obras do porte de "Dimensão das Coisas" (1967), "Memorial de Orfeu" ('1969), "Os Mortos Azuis" (1971), e outras, é bem um representante dessa estirpe de artistas que cultivam uma poesia agônica, poesia que reflete aquela luta com as palavras, de que nos fala Carlos Drummond de Andrade. (...) Trata-se de "Barca dos Sentidos", livro plural, onde o poeta se mostra em todas as facetas de sua maturidade artística e do seu poder criador.

Sânzio de Azevedo/CE
Doutor em Letras, poeta, ensaísta

O novo livro de Francisco Carvalho – "O Silêncio é uma figura geométrica" – prima, como os anteriores, pela perfeição formal, sem os espartilhos parnasianos, dentro da Modernidade. (...) Francisco Carvalho sabe prender a atenção do leitor através da palavra certa para o verso bem trabalhado e da linguagem metafórica, sob o sopro lírico. Os poemas feitos de estrofes isométricas e heterométricas, mas de ritmo psicológico, deixam transparecer uma cadência segura, no aprimoramento da obra poética. (...) Chega ele a aprofundar-se, no plano das idéias, sobre temas universais e transcendentais, voltados para a infância e para o outono da vida, à procura dos valores eternos.

Sinésio Cabral
Professor, poeta, crítico

De fato, as águas estão o tempo todo presentes, seja nas espumas, seja na fúria dos elementos, na poesia de Francisco Carvalho. Até mesmo uma pedra, quando o poeta se esbarra numa pedra, ela é cheia de limo e os sapos que por ali trafegam são úmidos, como convém a todo batráquio que se preze. Uma imagem comovente, os olhos dos sapos nas noites luarentas de Carvalho. Outra presença sobremodo ativa na poesia de FC é a *viagem* – cavalos, centauros, canoas, estrelas mui longínquas – o vôo de longo curso. Uma poética viageira, mas sobretudo uma linguagem úmida, lúbrica, porém a anos-luz da vulgaridade. Poesia de rara intensidade lírica, de puro enlevo – fluvial e eqüestre – é o que nos presenteia esse notável poeta em sua permanência ribeirinha.

Soares Feitosa/CE
Poeta, crítico

A poesia de Francisco Carvalho é dessas que se realizam com a matéria-prima poética por excelência, que são as imagens, as metáforas, a sugestão conotativa da linguagem, sem o que não adiantam os elementos externos como rima, ritmo, métrica, disposição espacial dos versos. Quem tem paladar apurado não pode deixar de degustar os poemas de Francisco Carvalho, vinho da palavra.

Wílson Pereira/BR
Poeta, contista, cronista

Em "O Tecedor e sua Trama", de Francisco Carvalho, continua a luta (corporal) do poeta com a palavra recriada no espaço vital do seu mundo metafórico, alegórico e sistêmico. De livro em livro se constata o contínuo processo de *catarse* e *ascese* da linguagem dolorosa, às vezes sutil, às vezes crispada e furiosa, que explode em beleza estética, numa poesia que testemunha a angústia existencial do homem espedaçado nos estertores deste século. É uma poesia reveladora de solidariedade e esperança.

Yacílton Almeida/RJ
Poeta

Impressionante, sua poesia. Ela abrange imenso universo temático, sustentado por pilares vigorosos. Amor, tempo, vida, morte – amparados por ampla cultura e pela palavra caleidoscópica – sustentam esse prodigioso edifício da produção literária de Francisco Carvalho. Quanto à palavra, ele a torna sua serva, usando-a com maestria, tanto em rimas e aliteraões quanto em metáforas inusitadas e fascinantes.

Yeda Prates Bernis/MG
Poeta



